

setembro de 2025 - número 45

bulunga

A REVISTA QUE NINGUÉM LÊ



JIM JONES

EDITORIAL

Não gostamos de ser chamados de pessimistas, porque não somos. Tampouco otimistas, pois os acontecimentos no Brasil e no mundo não nos permitem ser. Realistas seria o termo mais adequado, visto que somos obrigados a conviver diariamente com notícias ruins, e ainda assim conseguimos realizar uma filtragem e emplacar uma piadinha aqui e ali em nossa edição mensal, fazendo de conta que está tudo bem, mesmo sem conseguir disfarçar a bambeza das pernas quando a campainha ou o telefone tocam, temendo que sejam os inquisidores, ou melhor, censores.

Neste número, resolvemos mudar o foco e não falar de política, preferindo mencionar um episódio que aconteceu há 47 anos, e que pouca gente há de lembrar, com um artigo de Jorge F. Isah a respeito de Jim Jones, que trata da questão do fanatismo, que não está longe de voltar a acontecer. Leiam e reflitam.

o perigo do fanatismo

JIM JONES

Jorge F. Isah

Você já ouviu falar de Jim Jones?... Se pudesse resumir a figura de Jim Jones em uma frase, ele foi: um vigarista!... Não, um apóstata!... Um psicopata!... Um assassino!... Talvez essas e mais outras tantas o retratariam, mas fato é que Jim Jones, passados quase 50 anos do massacre em Jonestown, permanece um enigma. Para alguns foi um líder socialista. Outros, o próprio deus reencarnado. Ainda outros, esperança. Foi caboeleitoral. Ativista de direitos das minorias. Mensageiro de uma nova ordem. Porém, quem era mesmo?

Nascido James Warren Jones, em Randolph, Indiana, aos 13 de maio de 1931, filho de James Thurman Jones e Lynetta Putnan. O pai foi ex-combatente na 1ª Grande Guerra e sofreu com as sequelas das trincheiras, tendo sérios problemas nos pulmões que o debilitavam e impediam de executar tarefas físicas. Tornou-se alcoólatra e um pária que dependia da assistência estatal e do salário da esposa, apesar de vir de uma família rural e financeiramente estável. Lynetta era um caso à parte. Trocou várias vezes o próprio nome,



se dizia descendente dos Cherokees, e vivia enaltecendo a sua origem, empregos e feitos que nada tinham a ver com a realidade. Fantasiava a fim de satisfazer-se e de minimizar o próprio autodesprezo: uma forma de não ser obrigada a aceitar o que todos viam, mas se recusava a ver.

Com isso, Jim vivia a perambular pelas ruas; era alimentado pelos vizinhos; muitos o recebiam durante o dia enquanto a mãe estava no trabalho e o pai no boteco. Algo que a pequeno vilarejo de Lynn se dispôs a fazer, mesmo a família Jones sendo vista como esquisita. O pai era vítima da guerra, um combatente necessitado de piedade e, por isso, ganhou a simpatia de todos. Lynetta, pelo contrário, era arrogante, desbocada e grosseira, as vezes estúpida, falava o que lhe dava na teia e não raro exaltava a sua sinceridade, quando na verdade era apenas insolente e rude. Os Jones também não frequentavam nenhuma igreja e não professavam nenhuma fé, algo inusitado em uma comunidade maciçamente cristã.

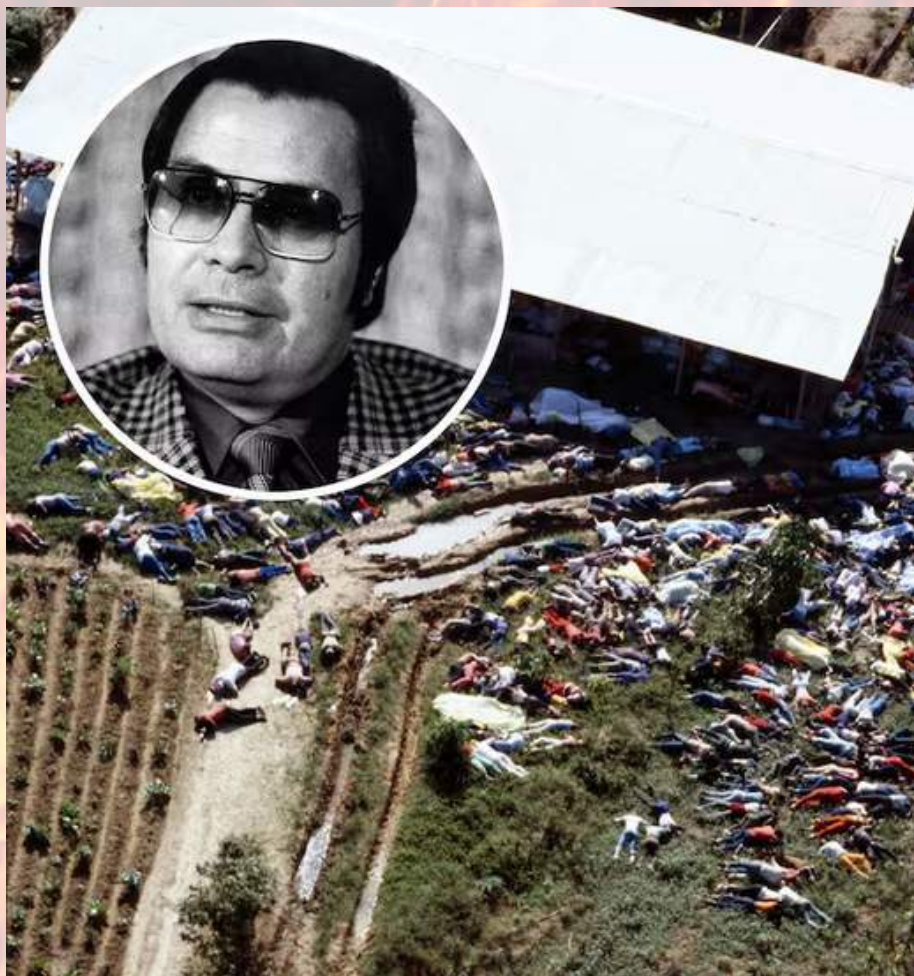
Aos domingos, a mãe de Jim ficava em casa, o pai era visto no mesmo bar, enquanto os demais mo-

trazer a igualdade entre todos os homens; com isso, o alvo das suas "pregações" eram os pobres e miseráveis e negros e índios, cujas expectativas Jim queria suprir. A ideia de um mundo igualitário não era uma armadilha para apanhar incautos, no início, mas no decorrer da trajetória "messiânica" ele simplesmente os manipulava ao seu bel-prazer, com o fim de sustentar o seu poder e o culto pessoal.

Se antes havia uma "sinceridade" propositiva, de auxiliar os mais necessitados, a sua moral deturpada, a falta de noção do pecado, a confusão e desordem quanto ao conhecimento de Deus e o valor da santidade, aliado ao ensino e vida de seus ídolos, levou-o às concepções e táticas mais ditatoriais e manipulatórias vistas por um prócer religioso. Na verdade, em entrevista em 1977, Jones afirmou categoricamente nunca ter acreditado em Deus, de Cristo ser o promotor do socialismo e somente isso lhe interessava. Os relatos dos dissidentes e sobreviventes do massacre na Guiana não deixam dúvida: a religião do "Templo do Povo" era apenas a fachada para a

insurreição socialista na América. Estava criado o "socialismo apostólico".

Arregimentou centenas de adeptos com sua figura carismática, os falsos milagres, e profecias que anunciavam um ataque nuclear soviético iminente em 1967. A ideia era lançar o terror, o medo, e assim cooptar novos membros e manter os fiéis. Enquanto isso, atacava outra frente, ao unir-se a movimentos negros, distribuir refeições gratuitas diariamente, e controlar asilos no estado de Indiana. Além das doações, quando de-



defendia que os membros deviam abrir mão de todos os seus pertences em favor do "Templo", boa parte das receitas baseavam-se nos auxílios previdenciários de aposentados. Os cheques dos seguros sociais eram entregues diretamente para ele.

Uma boa intenção à princípio levou Jim a gradualmente extorquir e se apoderar dos recursos dos membros, com o mote de criar um paraíso terreno, já que não existia o celestial. A sua capacidade não pode ser desprezada, já que não alcançava apenas a ralé social, mas incorporou ao seu séquito contadores, engenheiros, médicos, jornalistas, políticos e ocupou cargos na prefeitura de Indianápolis e São Francisco. Foi bajulado por candidatos à promotoria, câmaras legislativas e, até mesmo, pela esposa do futuro presidente Jimmy Carter, Rosalynn, e o candidato a vice, Walter Mondale.

Era ferrenho defensor do grupo "Panteras Negras"(de viés marxista-leninista), que, em meio ao discurso de justiça e promoção dos direitos sociais, tornava-se mais e mais violento e agressi-

agressivo, a ponto de torturar e matar desafetos. Eles foram a inspiração para Jim Jones, que se tornava também cada vez mais paranoico, acreditando que o governo americano o perseguia, a criar a sua própria segurança armada, um pequeno exército a serviço do pavor e coação. Segundo os critérios do próprio líder, que não precisava de provas ou investigação para transformar um aliado em inimigo, qualquer um podia ser "abordado" pela tropa, num claro sinal de ameaça.

Em certo momento, no início dos anos 1960, Jim quis migrar o templo para o Brasil, e escolheu Belo Horizonte para sede (em uma lista das cidades mais seguras do mundo, para o caso de haver um ataque nuclear). Veio com a esposa e braço direito, Marceline, os filhos naturais e adotivos (a "família arco-íris" se compunha de crianças de origem coreana, indígena e negra, além dos legítimos). Contudo, se no país natal era um líder em ascensão, em meio ao espírito naturalmente bagunçado do brasileiro, que não tinha qualquer ligação com as pautas sociais e políticas america-

nas, viu-se apenas como mais um missionário. Não conseguiu apoio do governo, políticos, e muito menos da elite mineira. Desiludido, dois anos depois foi para o Rio de Janeiro onde também passou ileso, a não ser por prostituir-se, com o consentimento ainda que consternado de Marceline (sua esposa), ao dormir com uma ricaça e levantar fundos de US \$ 5.000,00 para um orfanato. É aquela história pragmática dos meios justificarem os fins, quando a amoralidade encontra a melhor, talvez a mais oportuna, justificativa para o desejo intolerável.

De volta, criou uma comuna, em Mendocino, na Califórnia. O local era quase um campo de concentração: havia toque de recolher, as visitas não eram permitidas, sair somente com autorização; a correspondência dos membros era vigiada e, se necessário, censurada; os telefonemas eram rigorosamente controlados; a ordem era trabalhar e se dedicar integralmente às atividades da comuna e, nos "sermões", Jones sempre batia na tecla do "nós contra eles", algo facilmente discernível hoje nos movimentos pro-

gressistas (infelizmente, por um tipo de osmose, muitos "conservadores e de direita" também têm utilizado o mesmo ardil. E a máxima de Goebbels se espalha como peste: "Uma mentira dita mil vezes torna-se verdade").

Por essa época, Jones resolveu ter uma amante fixa entre seus "súditos", mas, para efeitos públicos, a fidelidade a Marceline permanecia. À medida que o seu apetite sexual, associado ao vício alcoólico e posteriormente a drogas mais pesadas, os relacionamentos com mulheres e homens tornou-se notório entre os membros do Templo. O surreal, para não dizer outra coisa, era a proibição aos demais membros de serem libertinos e poligâmicos, bêbados, drogados e gays. A máxima do "faça o que eu digo, não faça o que faço", mostrava o nível de hipocrisia a pairar no Templo do Povo.

Se a membresia tinha de se sujeitar a trabalhos extenuantes e forçosos, além das rações alimentícias insuficientes para suprir as demandas físicas, e praticamente viverem amontoados em quartos com outros doze ou tre-

ze colegas, Jones reservava a si mesmo um estilo de vida quase nababesco: permitia levar a família (com a amante junto) em férias anuais, viagens e passeios esporádicos, idas a cinemas, McDonalds, e utilizar roupas de grife. Foi por essa época que adotou o indefectível óculos escuros, e nunca estava em público sem eles.

Certa vez, em um cinema, abordou um policial disfarçado no banheiro, convidando-o à sua intimidade. Preso, após ligar para o advogado pagou fiança e foi solto; mas enquanto não conseguiu, por meios "diplomáticos", destruir o prontuário, não teve sossego. O medo da informação vazar para a imprensa e o público não o deixavam dormir.

Dali, sairia, em 1974, para uma aventura na Guiana Inglesa, país onde o socialismo governava e a comunicação não seria impecílio. No meio da selva inóspita, o Templo do Povo poderia, finalmente, se ver livre das perseguições americanas e proteger-se de um futuro ataque nuclear. Com o aval do primeiro-ministro Burnham, que via na comuna a saída para as constantes ameaças de invasão da

Venezuela na fronteira, destinou-lha uma área na região de Port Kaituma. A colônia agrícola de americanos talvez fizesse o governo venezuelano ponderar nas consequências de ataque a cidadãos da maior nação do mundo, e isso refrearia o seu espírito expansionista e belicoso.

Por dois anos, um grupo de 50 membros foi responsável por construir as instalações a fim de receber os cerca de 600 postulantes inicialmente cogitados por Jones. À medida que denúncias se espalhavam na imprensa, reforçada pela dissidência de membros leais, a fuga para a América do Sul se tornava mais real e próxima. O temor das acusações ganharem o apoio popular e do governo, e futuras investigações devassarem o Templo do Povo, suas práticas, finanças e atividades explicitamente ilegais, deixavam a liderança apreensiva, perturbada, e a exposição da realidade poria fim ao movimento.

Jones e Marceline possuíam cerca de 32 milhões de dólares no exterior, enquanto o "Pai" e a "Mãe"(assim chamados carinhosamente pelos súditos) convocavam os adeptos a mais e mais

sacrifícios, empenho e volição no sentido de suprir as necessidades comuns.

É possível que Jim quisesse usar os fundos para implementar o seu ideal socialista fora da América. Poderia ser, também, uma reserva para si e seus familiares em caso de o culto extinguir-se. A verdade, porém, é que Jones já especulava o suicídio coletivo, e o chamou de "revolucionário e socialista", portanto, não somente fazia parte dos seus planos como algo aceitável, mas assumiria o caráter desejável e necessário à causa, validaria os discursos de rejeitar o capitalismo e apoiar incondicionalmente o socialismo. Seria a maneira dos membros tomarem nas mãos o próprio destino, repetia em cada reunião.

Na verdade, alguns se dispuseram a morrer pela "causa", mas muitos não queriam e foram obrigados, à força, receber o "suicídio revolucionário" como bênção e não assassinato. O relato dos sobreviventes deixa notório o fato de muitos estarem cansados com tudo aquilo, e a morte ser melhor do que ouvir e participar das maluquices alopradas de Jim. Mas estou me adian-

tando um pouco... e Jones, diversas vezes, como um "bom" psicopata, preparou os acólitos encenando o envenenamento, a fim de avaliar o grau de obediência.

Em 1977, quando as coisas estavam insuportáveis na Califórnia, Jones, os filhos, o harém de amantes (fixas e giratórias) e centenas de membros partiram, finalmente, para o paraíso tropical em meio à Floresta Amazônica. Nos Estados Unidos, a esposa Marceline ficou responsável por representar o Templo do Povo, a captação e envio de dinheiro, a compra e transporte de insumos para o projeto na Guiana.

Nesse ínterim, Jones vivia sobre os efeitos de drogas e álcool, expunha as pessoas a trabalhos forçados 14, 15, 16 horas por dia, sob o sol escaldante e o calor asfixiante da selva, e incursionava no que ficou denominado "noites brancas", onde todos eram obrigados a ouvir nos vários alto-falantes espalhados em dormitórios, corredores e pátios, horas fio, as vezes terminando com o raiar da manhã, a parolagem ideológica e alucinógena do "Pai". Aquilo ia minan-

do a resistência física e emocional da população. No auge do acampamento havia cerca de 900 moradores em Jonestown, a cidade de Jones, como foi batizada.

Enquanto isso, as denúncias de ex-membros, as investigações de parte da imprensa (a maioria simplesmente não quis ouvir os delatores), e a entrada no circuito do congressista Leo Ryan (notório por farejar situações onde pudesse ganhar fama e fazer o seu marketing pessoal), chamaram a atenção da opinião pública e das autoridades. As acusações de sequestro, trabalho escravo, fraudes, além de extorsão, ameaças (houve relatos de desaparecimentos e mortes de desafeto; nada foi provado, seja pela intervenção de aliados, seja pela inexistência de fatos) e lavagem de dinheiro. Discutia-se se o Templo do Povo era verdadeiramente uma igreja, já que nada remetia a uma, sequer havia mensagem religiosa, ou um movimento ideológico, político e social. Neste caso, não faria jus à isenção de impostos.

À medida que o cerco apertava, Jim Jones convencia os moradores de que estava em nego-

ciações com o embaixador soviético em Georgetown e, em breve, mudariam e se instalariam em uma região ainda não escolhida pelo governo. Poderia ser apenas delírio, se antes não fosse uma trapaça para manter o ânimo da "tropa".

Mesmo se opondo, Jones consentiu com visitas de algumas comissões da embaixada americana de Georgetown e do governo guianês. Estudava-se a ida de uma comissão do Congresso Americano, encabeçada por Ryan, para uma inspeção em Jonestown. Por meses, Jim se recusou a recebê-los, e as pressões sobre a comuna aumentavam proporcionalmente às exigências de Washington. Descontrolado, Jim Jones intensificou as "noites brancas" e a ideia do fim. Para ratificar o argumento, descrevia à exaustão o relato ocorrido em Masada, 73 D.C., quando 960 judeus sicários cometeram suicídio coletivo, diante da iminente conquista e escravidão pelos romanos. Para ele, não havia saída a não ser o sacrifício, já que os Estados Unidos, tal qual os romanos, estavam em vias de invadir, prender e escravizar

peessoas que buscavam apenas viver em paz o socialismo. Rapidamente a maioria se convenceu de estar em iminente ataque, e a solução final não era mais vista com ceticismo.

Depois de Marceline convencer Jim a receber a comitiva de Ryan, após semanas de tentativas, alegando que o Templo não tinha nada a esconder de ninguém, e a visita poria fim aos falsos rumores, o "Pai" ouviu a "Mãe", mesmo a contragosto, e autorizou. Se quisesse continuar a tocar o negócio, teria de fazer concessões ou as doações e ofertas, à míngua, cessariam.

Leo Ryan e sua comitiva, acrescida de jornalistas e repórteres, chegaram em novembro de 1978 em Georgetown. Várias reuniões com a embaixada, o governo guianês, membros e porta-vozes do Templo do Povo, se estenderam por dias, enquanto Jim relutava em recebê-los. Foi novamente Marceline quem o demoveu e intermediou o impasse. Mas a tensão e o clima pesado pairava no ar, e somente Ryan, ocupado com o seu espetáculo, e os políticos da capital sentiam que tudo acabaria bem e, ao final, todos

estariam satisfeitos. No geral, havia apreensão e muitas dúvidas quanto ao sucesso da inspeção.

No dia anterior ao massacre, Ryan, assessores, repórteres e os "Parentes Preocupados", grupo de ex-membros e familiares de membros aflitos com as advertências e relatos acerca da autoridade severa, métodos no mínimo anormais e controle exacerbado de Jones, chegou a Jonestown, recebidos por uma escolta paramilitar. Logo depois, o próprio líder apresentou-se e trocou poucas palavras com os visitantes. Quem fez o papel de cicerone foi Marceline, sempre afável e disposta a apagar qualquer má impressão.

Membros foram entrevistados; acomodações, obras em andamento e a infraestrutura vistoriados, e, praticamente, tudo foi aprovado. A conclusão era de não haver motivos para duvidar da legitimidade e intenções de Jim Jones. Contudo, não sabiam que nos eventos onde estranhos compareciam o esforço em arranjar as coisas e transparecer ordem, fartura, alegria e produtividade, faziam parte da "máscara coletiva". Nada denunciava o racionamento de

alimentos, às vezes água, medicamentos e outras coisas cruciais para a sobrevivência na selva.

No primeiro dia, alguns membros do templo solicitaram à comitiva o retorno aos Estados Unidos. Leo Ryan intermediou, junto a Marceline, a saída de cerca de 15 pessoas. Na verdade, ao chegar, imaginou que o número de desertores seria maior, na casa dos cem. Marceline, novamente, interveio junto ao esposo, que esbravejou e chamou os dissidentes de traidores. Por fim, concordou. Ela ponderou serem apenas 15, ou seja, pouco mais de um por cento. Não havia porquê impedir, ainda que ela mesma tenha tentado dissuadi-los. Aos mais íntimos porém, Jones disse que hoje são 15, amanhã 30, e depois... No fundo, ele não permitiria isso.

Quando o grupo se preparava para abandonar o acampamento, uma tempestade desabou sobre a vila, impossibilitando a partida até o aeródromo de Kaituma. A estrada rapidamente ficou intransitável. Todos tiveram de se acomodar e esperar o dia seguinte, caso a torrente parasse.

Pouco antes, enquanto os moradores eram entre-

vistados, um grupo dissidente fugiu, aproveitando-se do tumulto provocado pela visita. À noite, após uma inspeção, Marceline descobriu a ausência de alguns membros, reportou isso a Jones que fez as contas de mais 11 traidores, totalizando 26. Ryan não foi informado da fuga, mas Jones havia decidido colocar um ponto final naquela situação.

Na manhã seguinte, 18 de novembro, após mais duas ou três adesões ao grupo que ansiava retornar à pátria, um membro desferiu um golpe de faca em Ryan que por pouco não foi fatal. Aquilo o assustou e aos demais, enquanto Jones permanecia impassível e com um risinho sarcástico. A comitiva e os "traidores" embarcaram no caminhão de volta à Kaituma, e de avião iriam para Georgetown.

A história já vai longe, então, resumirei.

Enquanto Jones executava os planos traçados anteriormente de envenenamento, outro plano se desenvolvia (as transcrições das conversas gravadas entre Jim e os membros são estarrecedoras. Não as farei aqui. Você pode ouvi-

las e ver muitas imagens no Youtube ou, por exemplo, ao ler "Jim Jones", de Jeff Guinn, a principal fonte desta matéria).

Continuando, enquanto em Jonestown 900 pessoas eram mortas por livre vontade ou coagidas, a segurança do acampamento abriu fogo na pista de pouso em Kaituma, matando 5 pessoas e ferindo outras tantas. Entre os mortos estava o congressista Leo Ryan e sua secretária. Curiosamente, quatro soldados guianeses, responsáveis pela escolta do grupo, não intervieram no ataque, apenas observando as cenas brutais. Havia o temor de envolverem-se e causar um conflito internacional, pois eram americanos matando americanos.

Descrever a negligência e o pouco caso com que os Estados Unidos e a Guiana trataram o assunto, antes da tragédia acontecer, é desnecessário perante os fatos. Depois, cada um tratou de salvar a própria pele.

É como escavar um lixão, quanto mais se mexe, mais lixo aparece.

Jim Jones, com todo o seu carisma, charme e ape-

lo popular, ficará mesmo marcado na história como um frio, louco e desmedido assassino. Em seu orgulho, blasfêmia e falta de afeto natural, tinha aparência de piedade, mas negava-a.

Casos assim nos enche de compaixão e tristeza, e pode ainda ser mais triste, pois, neste mundo, os exemplos, ao invés de servirem de alerta, tornam-se causa e motivação para repeti-los. Se há cinquenta anos, quase mil pessoas foram exterminadas pela cegueira própria ou pela fraqueza moral, pessoas como Jim Jones são o sinal de que nas trevas sempre é possível surgir homens tenebrosos e cruéis.

Que Jim Jones, a despeito da sua crença na reencarnação, esteja definitivamente morto.

E nada, ou alguém, reivindique o seu trono.

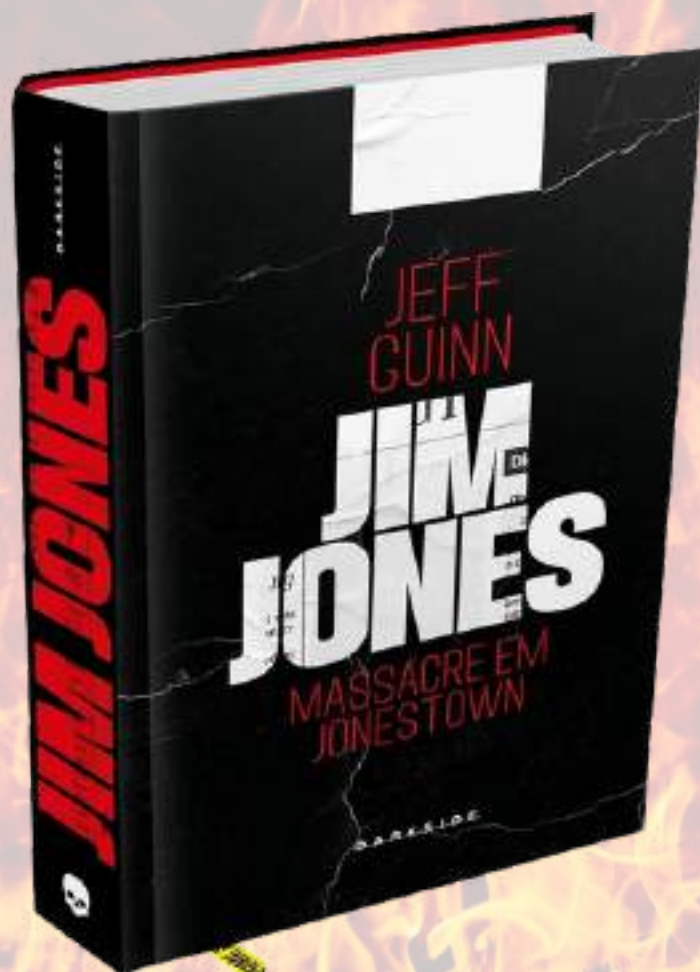
Bibliografia: Jim Jones

Autor: Jeff Guinn

Editora: DarkSide

Páginas: 544

Li materiais avulsos e assisti a vídeos no youtube. A maioria das informações estavam em harmonia, confirmando, especialmente as fontes primárias (e muitas delas estão vivas), o assombroso e terrível desfecho das loucuras psicóticas e socialistas de Jones, descritos por Guinn. Por isso, não me referi a ele como pastor e seu culto por igreja, já que as características do Templo do Povo não tinham nada a ver com religiosidade, não no sentido cristão do termo. Era mais um politburo. E um chamariz para atrair incautos.



Lançamento:



"NA EIRA DE ORNÃ"



TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO

Elvis não morreu. Está com 90 anos, hoje mora em uma fazenda, no interior dos EUA e faz algumas raras aparições na cidade para cantar algumas de suas músicas. Após a rendição, Hitler fugiu, primeiramente, para a Argentina e depois para o Brasil, onde viveu como um pacato cidadão, até os 95 anos. Michael Jackson também não morreu e hoje vaga pelas ruas de Los Angeles vestido de mulher.



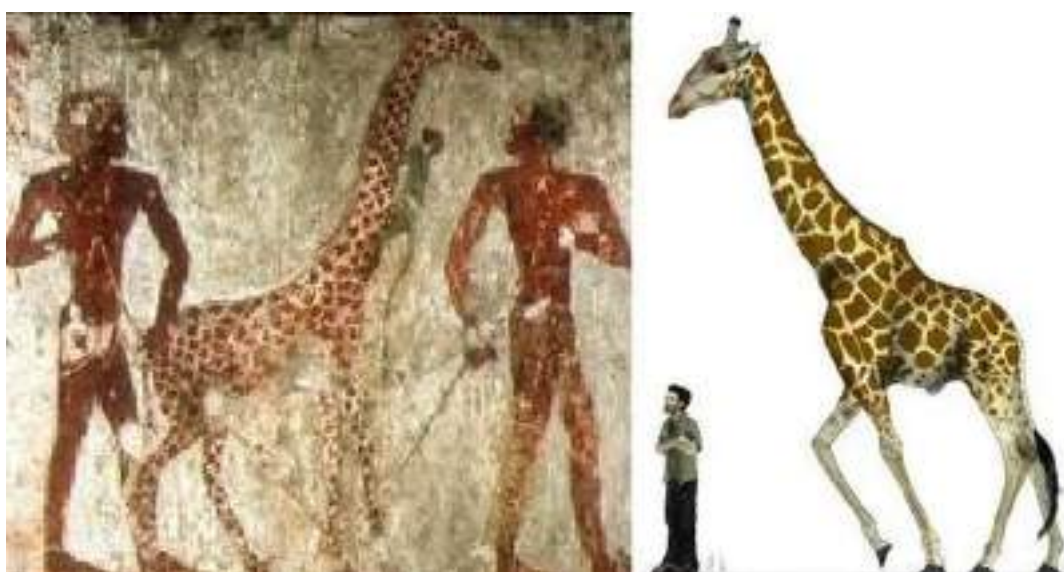
Os governos mundiais ocultam notícias sobre ET's, censurando os relatos, por vários ufólogos, de que exemplares vivos foram capturados, assim como suas



espaçonaves, que ainda hoje estão sendo estudadas por meio da engenharia reversa, enquanto seus pilotos estão sendo dissecados na Área 51. A Arca de Noé está cravada no alto do Monte Ararat, na Turquia, mas ninguém se anima a ir até lá. O Santo Graal foi roubado pelos nazistas e hoje faz parte da coleção de um exótico trilionário. A mulher do Macron era homem. A do Barack Obama também. O Oumuamua, o 3 I/Atlas e o Borisov são espaçonaves alienígenas inimigas disfarçadas de cometas e vieram



destruir a Terra. A Atlântida foi submersa próximo ao Estreito de Gibraltar, e com ela os segredos de uma tecnologia até hoje não explorada. As pirâmides do Egito eram espécies de geradores, capazes de estabelecer contato com outros planetas e galáxias e foram construídas por gigantes de 5 metros, ajudados por discos voadores, que voltaram para seus planetas de origem, daí nunca haverem encontrado os seus restos mortais.



Desenhos Sumérios e de outros povos antigos mostram figuras utilizando capacetes e roupas de astronautas, além de relógios de pulso, o que comprova que eram os deuses astronautas, conforme o relato de Erich Von Däniken. A Terra é plana, e quem passar de seus limites pode cair no espaço. A



terra é Oca e dentro dela se escondem espaçonaves e seres extraterrestres, dinossauros e outros bichos muito estranhos. Doenças são criadas em laboratórios, os mesmos que desenvolvem os seus remédios. Paul McCartney morreu logo no começo da formação dos Beatles e foi substituído por um sócia idêntico, que coincidentemente era canhoto e



talentoso, tocava bem vários instrumentos e compunha lindas canções. O homem nunca foi à Lua: todas as imagens veiculadas na época foram feitas em estúdio, com a direção de Stanley Kubrick, que coincidentemente estava filmando o seu filme "2001 –



Uma Odisséia no Espaço". As quedas das Torres Gêmeas foram causadas por material explosivo colocado em seus porões, por agentes do FBI, pois temiam que os terroristas de Bín Laden errassem o alvo, o que atrapalharia os planos de invadirem o Afeganistão para matarem seu archi-inimigo que foi treinado e financiado pelos próprios norte-americanos. O inventor do motor movido a água foi eliminado por grupos ligados aos grandes produtores



de petróleo. Trump não tomou um tiro na orelha, semanas antes de ser eleito Presidente dos EUA: um beatbox que estava próximo ao palco simulou com a boca o som de um tiro, ao mesmo tempo em que o então candidato se cortava com uma minúscula lâmina escondida entre seus dedos. A Revista Bulunga é um sucesso absoluto em vários países, sendo traduzida para 32 línguas, mas as concorrentes não permitem que as pessoas saibam.



OMAR VIU O MAR

Michel Salomão



Omar viu o mar. Este trocadilho bobo foi feito com a intenção de tornar o texto mais descontraído, pois vamos falar de uma experiência que pode não ter sido tão satisfatória quanto desejada. Mas a verdade é que, somente aos 37 anos, com dez anos de casado, Omar conseguiu, finalmente, realizar o seu grande sonho. O ano era 2023, e depois de juntar dinheiro com dificuldade, pegou a mulher e os três filhos, acomodou-

os confortavelmente em um Fiat Palio azul-marinho 1996, ano do seu lançamento, e caiu na BR 381 em direção a Guarapari. O carro não tinha ar-condicionado, obviamente, e o calor era de enlouquecer. Foram três defeitos durante o percurso, mas ele teve muita sorte, pois em todas as paradas forçadas havia uma oficina mecânica ou borracharia, cujo profissional entendia de tudo um pouco, e com alguns apertos aqui e ali conseguiram colocar o carro para rodar.

O carro não possuía GPS e a internet dos smartphones falhava muito, e assim acabaram esbarrando nas proximidades de Meaípe, que não fica muito distante do destino desejado, mas é um lugar mais tranquilo, porém, sem os atrativos que esperava encontrar, conforme viu nos canais do Youtube que consultou com antecedência: grandes churrascarias à beira da Praia do Morro, as barraquinhas de artesanato para entreter a esposa e as casas de videogames, para a loucura dos filhos.

Como já havia anoitecido, e os preços das pousadas mais próximas da orla estavam mais caras, resolveu se distanciar umas três ou quatro quadras, chegando

na parte mais alta, e encontrou uma pequena pousada que lhe pareceu econômica, toda cercada por bambuzinhos, fazendo as vezes de muro, e o seu interior também era bem rústico, para não dizer coisa pior.

Um atendente desanimado nem se mexeu e sua cadeira, e Omar teve que ir até ele para saber se havia vaga para cinco pessoas. O desanimado respondeu que sim e lhe emprestou a chave para verificar se agradava. Todas as paredes da pousada eram feitas com ripas de madeira, e a divisão entre os quartos, idem, ou seja: daria para escutar com nitidez o que o seu vizinho fazia no ambiente ao lado, sendo que em alguns casos, também era possível VER o que acontecia do outro lado, por meio das frestas das madeiras. Mas o preço compensava.

Desceram com as malas e se instalaram em um quarto que ficava no segundo andar, no fundo do corredor. O piso rangia, dando a impressão de que tudo iria desabar. No quarto havia uma cama de casal e uma cama de solteiro. Uma das crianças dormiria com o pai e a mãe e as outras duas dividiriam a cama de solteiro. Por sorte, havia uma pia dentro do quarto.

E dois copos de vidro "lagoinha" com uma garrafa de água em uma mesinha minúscula.

O que o atendente não avisou foi que aquela pousada funcionava como motel da região, e só foram saber disso quando a clientela começou a chegar por volta das 22 horas. Vale dizer que a clientela não era constituída por casais convencionais, mas por clientes que contratavam "profissionais" de ambos os sexos que atendiam na região. E os gemidos e rangidos começaram a se intensificar, com a sorte de que as crianças dormiram cedo, mas caso acordassem, teriam que explicar que algumas pessoas passavam com dor de barriga e precisavam ser medicadas.

O café da manhã era condizente com a qualidade do estabelecimento: um pão com manteiga para cada hóspede e um copo "lagoinha" de café. Nada mais. Comeram o que tinham direito e saíram cedo em direção a Guarapari.

A Praia do Morro estava inóspita: era alta temporada e nas ruas as pessoas e os carros se espremiavam, mas o pior estava por vir: onde estacionariam? Impossível. Rodaram por mais de quarenta minutos até conseguirem uma vaga espremida, vigiada por um

"profissional" que vestia um colete velho e surrado, e que exigia o pagamento adiantado. Para piorar, o filho mais novo pediu para fechar o carro, mas teve a brilhante ideia de baixar o pino da porta, jogar a chave no banco da frente e fechar a porta. Como ainda era cedo, e para não começar o dia com aborrecimento, resolveram ir para a praia, para depois chamarem um chaveiro.

O primeiro contato com a água fria foi inesquecível. Ele só não sabia que posteriormente pegaria uma micose que só cederia depois de muito remédio que teve que usar. Esqueceram de dizer a ele que teria que compartilhar aquela água com um número significativo de coliformes fecais, e assim se esbaldaram nas pequenas ondas que alcançavam a metade das coxas, no máximo, pois tinham medo de se afogar.

À noite, um festival de vômito e diarreia se abateu sobre a família, mas é preciso, antes, dizer como conseguiram solucionar a questão da chave deixada dentro do carro trancado. Depois de ligar para mais de dez chaveiros da região, e sem obter o mínimo sucesso, o "profissional" da vigilância se prontificou a

ajudá-lo, e sacou uma linha de nylon que tinha no bolso, fez com ela um pequeno laço, que passou na fresta da porta e conseguiu "laçar" o pino da porta com relativa facilidade. Mas a ajuda acabou custando 50 reais, além dos 20 que teve que pagar pela "vigilância" do carro.

A pousada que conseguiram era bem melhor do que a primeira, pois tinha banheiro no quarto (utilizado à exaustão naquela primeira noite), uma cama de casal e duas de solteiro, além de uma pequena TV de LCD afixada na parede, com 14 canais por assinatura. As toalhas não eram das melhores, com algumas partes puídas, e as roupas de cama tinham marcas de uso anterior, com alguns fios de cabelo no lençol e nos travesseiros. No café da manhã havia pão de sal, pão doce, bolo de laranja, pão de queijo, melancia e mamão. É tudo o que um pobre mais sonha na vida.

Michel Salomão é jornalista, escritor, ator, autor e diretor teatral videomaker, cartunista, roteirista e nas horas vagas faz umas pizzas legais.
mxelbh@gmail.com



A morte na morte de Charles Kirk

Jorge F. Isah



Em Minas, existe um ditado muito repetido: "Não faça aos outros o que não gostaria que fizessem com você!". Na verdade, ele tem relação direta com os ensinamentos bíblicos: Em todas as coisas façam aos outros o que vocês desejam que eles lhes façam. Essa é a essência de tudo que ensinam a lei e os profetas.

Por que estou a falar deste assunto?

Bem, no último dia 10, o apologista cristão e conservador, Charles Kirk, foi executado na Universidade de Utah, enquanto promovia um debate com alunos. O fato em si já seria lamentável, se não acontecesse em um local onde, originalmente, seria apropriada a troca de ideias. A escola perdeu boa parte do seu significado ao impedir e censurar vozes discordantes. Mas, quando adversários intelectuais são ameaçados, perseguidos ou sofrem agressões, algumas culminando em mortes, é necessário rever não somente as diretrizes educacionais como humanas.

Basta uma ligeira olhadela nas redes sociais para constatar que existe uma comoção, a tristeza por um ato covarde, frio e inumano. Porém, não é difícil encontrar aqueles que se refestelam, soltam foguetes e vibram com o heroísmo do pusilânime "sníper". O homem, sentado em uma cadeira, cuja arma era o microfone, foi abatido sem nenhuma piedade. A camiseta branca com os dizeres "Freedom" manchou-se de sangue. Os filhos e a esposa não terão mais o seu querido... e o mundo perdeu mais uma vez, mesmo que os "festeiros" não se deem conta disso.

Podia ser qualquer um, até mesmo o pior entre os piores criminosos: por que eu me alegraria com a sua morte? Por que eu a desejaria? Por que insuflaria outros a querê-la? Se o próprio Santo diz: Não tenho prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio se converta do seu caminho, e viva. Convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos.

A questão é: qual o direito de alguém, seja lá quem for, se alegrar com a morte do outro? Não digo fomentá-la, mas divertir-se, desdenhar a vida, sendo ela o bem mais precioso que se tem?... É incoerente desfrutar o que tem e impedir que outros desfrutem também. É imoral se refestelar nos prazeres, atrevido, diante dos que pranteiam. É como aquele que acabou de comer caviar e arrota sobre o faminto. Mas ele mesmo, o arrotador, pede a morte do comedor de caviar e se esquece de que ele também comeu e, pior, arrotou. O exemplo do Rei Davi, confrontado pelo profeta Natan, deveria servir de exemplo e de como responder ao pecado.

Estamos na era da morte. Nunca ela foi tão quista. Antes temida, e quanto mais longe melhor, hoje virou fetiche. Quase um objeto de culto. Com isso, a vida

perdeu vigor e enfraqueceu-se, ainda que a maioria não tenha consciência.

Esses eventos têm origem no afastamento de Deus, na perda da moral absoluta e no coletivismo que faz o indivíduo ser uma peça descartável e substituível: ele nunca será ele mesmo, mas um ectoplasma do grupo. A consciência, sentimentos, emoções vêm de fora, e independente da bagunça interior, acabam por se acomodar no caos. E o caos não produz ordem, espiritual e mental, mas faz com que tudo ganhe o rótulo de "sobrevivência", de conservar o pouco que resta. E o que resta? Quase nada. Virtudes e qualidades são desprezadas porque não se tem aquilo que nunca viu ou soube existir. Ficam apenas os monturos nos escombros. E deles saem apenas refugos e escórias.

O homem agoniza na frívola empáfia. E quando deseja ou se diverte com a morte de alguém, está se condenando a si mesmo à morte. Resta-nos, aos que amam a vida, e ela está em Cristo antes de estar em qualquer outro, pedir para que o morto ressuscite. Do contrário...

Talvez seja pedir muito. Talvez seja pedir o que não

se pode dar; e não sabem que o desejo pela morte é um mau-agouro. Não algo místico, mas real, que pode levar a uma guerra indesejada; a qual ele sequer imaginou. Uma luta fadada ao desastre, que pode arrolar outros, mas na qual ele morre junto, pouco a pouco, enquanto perde a humanidade, a capacidade de ser humano e, como tal, a imagem de Deus, transfigurando-se na serpente do Éden ou um demônio qualquer.

Temo por eles, pois não têm esperança além do que veem: o tiro, a prisão, a tortura, a segregação, a humilhação, a indiferença, o riso besta e bestial. Tudo fruto do medo; o pavor de perder aquilo que nunca teve ou pode ter...

Porque a qualquer que não tem, até o que parece ter lhe será tirado.

Jorge F. Isah é Jornalista, editor e escritor. Autor de “A Bula do Placebo”, entre outros livros, todos disponíveis na “amazon.com”.
jorgefisah@gmail.com



JULIANA E O VULCÃO,

ou a erupção de nossa tragédia política

Sammis Reachers

Nesta semana, este país gigante e ferido de patologias genéticas que lhe embotam o raciocínio e o convívio (escolha a sigla que lhe agrada) se viu mobilizado.

Juliana Marins, niteroiense como eu, foi vítima de uma tragédia.

Mas sua tragédia pessoal/familiar revelou outras em seu bojo. Logo o país ainda polarizado se viu num embate: Onde está o presidente Lula, o Lule de tantos, que não providenciou seja o resgate do corpo vivo, seja o traslado do cadáver? Pior, enviou jatinho da FAB para resgatar antiga "comparsa de falcatruas" dos tempos do Mensalão...

A monstruosidade de muitos se mostrou não na empatia com a Juliana ou seus restos mortais, mas em usar um fato trágico como artefato político, granada de concussão para tentar atordoar o outro lado.

E a monstruosidade foi prontamente respondida com outra monstruosidade (é a guerra, baby): Lula, o Lule misógino, machista e racista das massas bichas e machas, aprovou o gasto com o traslado de corpos de brasileiros.

Há praticamente CINCO MILHÕES DE BRASILEIROS RESIDINDO NO EXTERIOR.

CINCO MILHÕES.

Fora os turistas.

Não, eu não quero, não posso e nem preciso pagar essa conta. Nem o país que eles escolheram deixar para sempre ou por momento.

Mas Juliana era turista. Turista de AVENTURA, que é aquele que escolhe o risco, e extrai do perigo, prazer. Sim, mesmo sabendo dos riscos, mesmo apesar dos riscos. Mesmo apesar da família, seu receoso apoio ou constrangida oposição. Ficou claro o desenho? Turista de AVENTURA. Aventurou, aventurou e morreu. Uma tragédia. Pessoal e familiar. Arthur, filho de Campina Grande e garçom em Barcelona, acaba de morrer em terras espanholas. Embolia pulmonar. Agorinha. Sua morte nos comove? Adelaide, maquiadora de Nova

Iguaçu, acaba de morrer em Berna, na Suíça. Caiu de uma escada de três míseros degraus, dentro de casa. Cabeça na quina da pia. Morreu assim como todos os CINCO MILHÕES de brasileiros no exterior irão morrer, antes, durante e após você e eu.

Tudo isso é para expor o ridículo de nossa situação. O país não tem que enviar jatos da FAB, esse elefante branco e voador, com seus orelhões de dumbo ou do diabo, para resgatar criminosos "perseguidos". E nem cadáveres, seja de trabalhadores pátrios, seja principalmente de aventureiros.

Mas bom senso desertou de nós há uma década ou quase duas, e a situação da inocente Juliana só serve para expor com toques de filme splatter o horror de nossa película. Por sinal, já ouviu nossa trilha sonora? Somos o país de Poze e Oruam, de Gustavo Lima e de Enrique & Juliano...

Além da guerra, a política é a única ocupação onde um porco pode entregar o máximo de sua porquidão. Uma arena onde ele pode ofertar o seu pior para o cosmos.

Lula, como antes fez Bolsonaro, se mostra fraco ou porco demais: Os ventos do populismo – leia-se, desejo

de reeleição, essa monstruosidade que não deveria existir – o faz lançar âncora onde quer que possa conseguir mais votos, de um bolsa-luz (na verdade, luz elétrica de graça para quem consome pouco), CNH gratuita para o pobre que pode comprar carro, mas não pagar por uma carteira (?), ao traslado de corpos de aventureiros. Amanhã tem Flamengo, time do meu coração e de um terço da pátria aurirrubra: Eu e você pagamos a conta para que um fique deitado em sua casa ou casebre assistindo a Copa do Mundo de Clubes, luz e bolsas em dia, enquanto eu não posso, pois estou dando expediente no trabalho. E do trabalho, na hora apertada do almoço, assisto à comoção sobre outro aventureiro que curte a vida adoído, não compartilhando seu prazer (justo, pois é particular), mas compartilhando sua desdita, pois pago os custos finais de sua aventura.

Esse desejo lulista de perpetuar-se no poder, pondo em risco a economia do país, é tão deletério quanto os arroubos golpistas e provincianos do idiota da aldeia Bolsonaro, outro que se revelou populista, mas tarde e sem talento, que talento no que seja sempre lhe faltou

na vida.

Contra essa dualidade demoníaca de Lule x Bozo, quem se apresenta? A direita como a tupiniquim carrega em si o vírus totalitário; a esquerda outra que não a lulista é ainda mais perniciosa; os liberalóides passam do ponto: propondo Estado mínimo, querem mesmo é Estado nenhum. Marina se aquietou e aniquilou, conformada, um dos casos mais sinistros de implosão-política-sem-escândalos da história pátria. Ciro Gomes, o eterno injustiçado, não consegue falar a língua de nosso povo e até de nossas "elites", feridos todos de analfabetismo funcional (o "mal do século" brasileiro).

Primeira, segunda e terceira vias assoreadas, interditadas por lama perfumada. Precisamos de uma quarta, quinta, sexta vias. Mas de que bueiro emergiriam?

Estamos todos futricados, como diria meu pai.

Sammis Reachers é escritor,
poeta e editor.
sreachers@gmail.com





coluna do

ClodoKill

Fernandes

Todas as opções anteriores: sem medo

Alguém disse que sou um clone do Elvis. Fingi que não entendi e larguei o cara para lá. Depois, outro falou que eu imitava o Michel Jackson. Achei um exagero, pois apesar de ser caucasiano, o Michel era muito mais branco do que eu. Então, uma namorada afirmou que eu parecia o Stallone, musculoso, sem expressão, e quase tão parvo quanto ele. Entendi quase tudo, menos a parte do parvo. Era um tipo de molho italiano ou peixe nordestino?

Minha mãe jurava que eu era a cara do Clark Gable, enquanto uma tia, irmã da minha mãe, dizia para ela: não, não é não! Ele se parece muito mais com o Sidney Poitier. Não conhecia também um ou outro, não acompanho as novidades e tenho uma memória nada

confiável, então, depois de uma rápida pesquisa, não havia nada neles em mim; notei, contudo, uma homogenia com o Richard Gere.

Lembro-me, quando criança, de imitar os trejeitos e cacoetes do Jerry Lewis, o andar esquisito, caretas ridículas e cômicas, mais a assustar do que a divertir os colegas. Aprendi a dar lençóis, carretilhas e fazer gols de cobertura como o Reinaldo, lançamentos iguais aos do Platini, e passes e chutes milimetricamente perfeitos ao Del Pierro. Antes, imitei desavergonhadamente o personagem John Boy, do Richard Thomas, e quase me vi escrevendo como ele. Fui o garotão namorador de Beverly Hills, em Barrados no Baile, o marido fiel e dedicado de Mad About You, e o sujeito enigmático de Dexter. Peguei as manias de Adrian Monk e as sutilezas de Columbo, sem falar na rabugice do detetive Sipowicz. Nos momentos de folga, tinha o charme do Bob Simone e a destemida elegância do Clint Eastwood.

Não me lembro se já fui eu mesmo alguma vez. Minha esposa diz que sou um homem diferente a cada seis meses, meio camaleão, e reputa o sucesso do nosso casamento a estas múltiplas identidades, sem as quais a

nossa união estaria rompida haveria tempos. Era bem possível alguém acusá-la de poligamia, e isso a fazia rir até perder o fôlego. Por hora, não sabe como me chamar, pois sempre que pergunta em quem vou votar, digo que sou isento, imparcial, e não estou nem de um lado nem do outro, mas, ato contínuo, acabo por fazer com o dedo indicador e o polegar um "L". Porém, ao ver as lèves do Capitão, fico de prontidão, bato continência, ponho a mão direita no peito e canto o Hino Nacional.

Ela garante, se as eleições fossem por múltipla escolha, eu marcaria todas as opções anteriores, sem medo.



(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)

VÓ CARMIRA E O MINISTÉRIO DO PORTÃO

Judson Canto

Carmira, minha avó paterna e pioneira da Assembleia de Deus em Jaguaruna (SC), era uma evangelista incansável.

Na década de 1980, mudou-se para Itajaí com os dois irmãos que moravam com ela, tio Lílino e tia Lica, ambos solteiros.

Praticamente inativa no trabalho de forrar botões, com que reforçava sua míngua pensão de viúva, o peso da idade, agravado com algumas doenças, quase não a deixava sair de casa.

Assim, era difícil para ela encontrar uma pessoa a quem pudesse evangelizar. As pessoas de seu novo círculo social eram parentes e uns poucos conhecidos e novos amigos.

Entretanto, já com mais de 80 anos, bem poderia recolher as armas e passar os últimos anos de sua vida no sossego de saber que não chegaria ao céu de mãos vazias.

Contudo, ela era incorrigível. Sem ver rostos novos em casa e sem poder ir atrás de outros alvos, resolveu assestar sua metralhadora evangelística no portão de sua casa, na rua José Quirino.

A estratégia era esta: cada pessoa que passava era chamada por ela, fosse quem fosse. Moças, rapazes, anciãos, donas de casa, todos tinham de parar para ouvi-la. Estivessem indo para o bar ou a caminho da missa, todos eram reencaminhados a uma igreja evangélica.

Se alguém seguiu a sua recomendação, não se sabe. Contudo, um ministério era exercido ali. Simples? Sem dúvida. Mas não devemos nos esquecer de que a simplicidade é característica do evangelho, diria mesmo uma obrigação cristã.

E é difícil imaginar uma representação mais bela dessa simplicidade que uma octogenária debruçada numa cerca dando testemunho de Cristo aos passantes.

JUDSON CANTO foi chefe do Setor de Livros na CPAD e coordenador editorial na Editora Vida. Hoje é editor independente, revisor e tradutor.
obalido@gmail.com



A PEDAGOGIA DO ESPELHO

Rosemare Gomes

Tudo tem solução! Se não tem, invente!

Hoje, falarei de outras coisas. Claro, fui professora durante muitos anos, tive escola infantil, influenciei na escolha de carreiras que terminariam de alguma forma na educação. Sobrinhas, ex-alunas, pelo menos duas ou três. É claro que, tanto elas como eu, aprendemos nas faculdades, eu no antigo magistério e depois como pedagoga, de como enfrentar e resolver problemas com estudantes na escola. É verdade que tudo que nos é dito destoa, às vezes parcial e às vezes totalmente, da mais pura realidade. Afinal, onde tem gente, tem pessoas, há problemas.

Sempre alguém profundamente idiota, prefiro ao invés de usar um eufemismo como "problemático", quer se sobrepor a outro mais frágil, com algum problema mais visível, e não há professor ou professora, em todos os níveis da educação, que de repente não se veja diante de um conflito, xingamento, humilhação, ofensa e até violência física, sem ter a alguém a recorrer e seja forçado a intervir. É cada situação maluca... E não há

soluções prontas em nenhum manual. Caso haja, não funcionam! Vemos desastres todos os dias.

Certa vez, um garoto cismou de perseguir e intimidar uma menina, colega de sala. A chamava de tudo o que era ruim. Ao invés de fazer as lições, ficar na dele, toda hora se virava e a ofendia. Falava de suas roupas, de seu cabelo, que era feia, numa situação para tirar qualquer pessoa que testemunhasse a situação do sério. Aquelas intervenções, verdadeiros bordões envelhecidos e ditados pelas "tradições escolares", nenhum deles funcionavam: "Cale a sua boca!", "Deixe a sua coleguinha em paz!", "Você vai perder pontos este mês!", "Vou chamar os seus pais!"... Claro, eu não fui a primeira professora dele, e ele certamente já ouvira todos esses mantras muitas e muitas vezes. Cá entre nós: sabia que davam em nada!

Bem, eu sempre soube que era, e ainda sou, meio fora da curva, por tudo o que passei. Não me prendo a soluções ortodoxas e burocráticas. Para mim, se chega a uma solução ou não se chega, e pronto! Minha mãe, na verdade minha madrasta, a quem devo a salvação da minha vida, era assim também. Com muito mais limitações, sem nunca ter ido à escola, mas deixou uma legião de descendentes que embora não sendo

perfeitos, todos viraram gente... se me entende.

Num daqueles dias, o sangue me subiu à cabeça, após ouvir o capetinha dizer na cara da pobre menina um monte de desaforos. Isso exigia uma solução, não só para o bem dela, mas para minha consciência. Eu mesma, quando criança, passei por situações semelhantes à da aluna, porém, no meu caso, as soluções foram nada ortodoxas (um dia lhes conto).

Peguei-o pelo braço, levei-o ao banheiro dos meninos e diante do espelho lhe disse:

– Você acha que é bonito?! Pois não é, não! E se sua mãe te fala que você é bonito, lembre-se: mãe mente! Eu sou mãe, e sei disso!

Continuei.

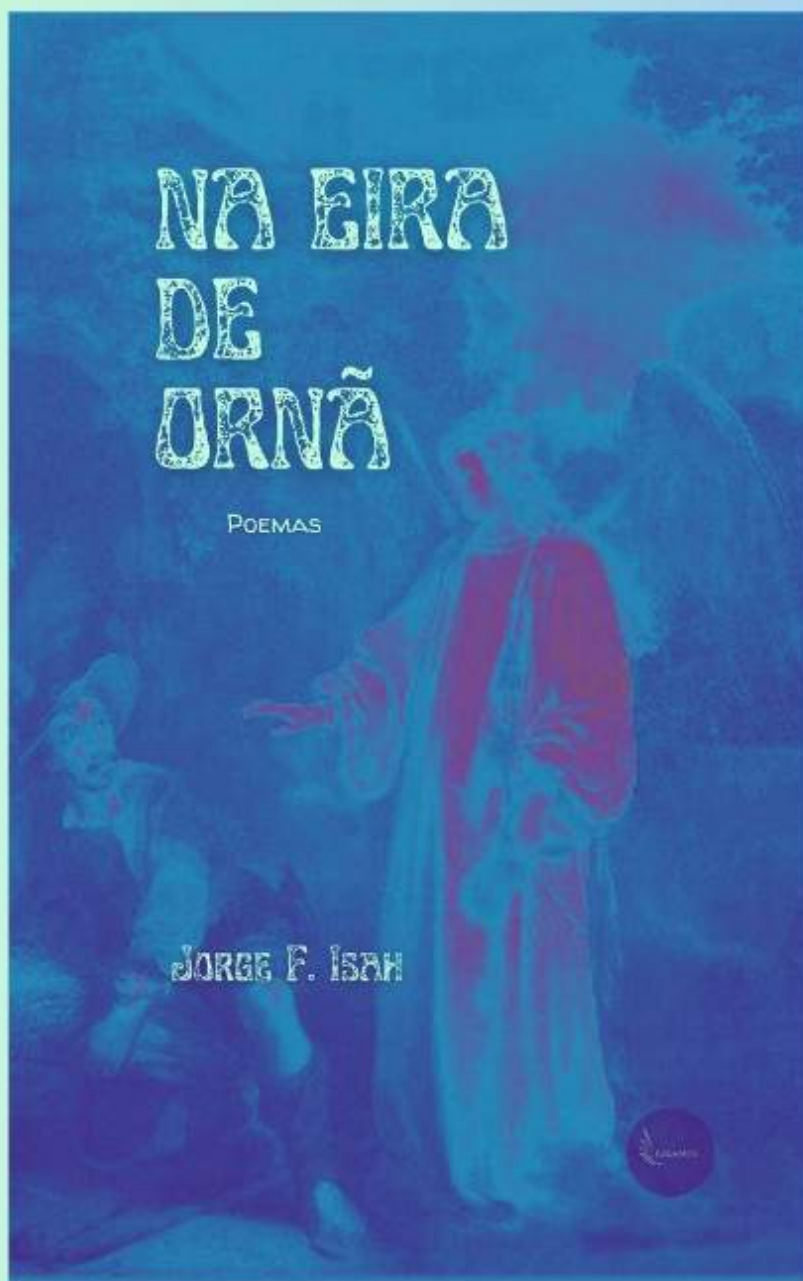
– Volte já para o seu lugar e nunca mais fale essas coisas com a sua colega! Seu feioso!"

Nunca mais ele xingou a coleguinha de cabelo desarrumado, de uniforme amarrotadinho e com manchas de verme no rostinho.

Rosemare Gomes é escritora,
pedagoga, professora e teóloga.
rocharosemare@gmail.com



Pré-Venda e Lançamento do livro: "Na Eira de Ornã"



Poemas

kalamos.com.br & amazon.com.br



REPÓRTER RISO

Jorge F. Isah

O ÚLTIMO A APAGAR A LUZ É SURDO

Não sei quanto a você, mas para mim o circo está pegando fogo. É notícia incendiária para lá, incineração para cá, mais gasolina e querosene, e quem não sai queimado sofre de hipertermia ou é tostado.

Sabe quando você aplica Butox ou K-Olthrine (sossegue, não é merchan) nas caixas de gordura infestadas de baratas e outros insetos? Há uma correria geral, o salve-se quem puder! Este é o mo-

mento brasileiro, venezuelano, mundial. Se o Nepal, com todos os seus budas e monges não tem paz, e olha que são eles, os religiosos, tidos como os "reis da paz", quem terá? (é uma pergunta retórica, gafanhoto). A história, porém, é outra; mas vida que segue.

Voltando, se até o Nepal está em convulsão social e política, o que dirá o restante do mundo? É guerra para cá, guerra pra lá, ameaça de invasão, míssil estourando banker, ou seja, está fácil demais achar um inimigo para espantinho ou vudu.

Se antes as ameaças eram veladas e muitas não passavam da boca para fora, como as crianças do passado e seus limites riscados na terra ou areia se desfaziam depois de uns tapas e xingamentos, hoje a coisa desceu ao nível mais rasteiro de pôr em ação, ainda que com tapas e xingos no interlúdio, prisão ou morte de desafetos.

É, se o Brasil era caso para a Nasa, o que dirá os outros? Ficarão a cargo do Roscosmos ou CNSA?

"Para, quero descer!", diria o mais bem humorado dos terráqueos. Mas se o humor está em baixa e ainda por cima é proibido, resta ao ranzinza gritar fascista, na-

zista, até mesmo para o velhinho com a Bíblia embaixo do braço, a criança que se recusa a entregar a pistola d'água ou tirar a camiseta do Nelson Muntz. O mundo é deles, e aí de quem não concordar.

"São dias tenebrosos... é preciso fazer algo, urgentemente!" diria, por outro lado, o cara que defende a sobrevivência do Saguí e justifica o espancamento até a morte do lixeiro que jogou o cão atropelado na caçamba do caminhão de lixo.

Sim, são dias tétricos, mas as noites são piores, com os fankeiros e suas orgias sonoras, motoqueiros e seus escapamentos sem silenciosos. Sem contar o vizinho tocando fogo no JBL do Aliexpress, ao som de Anita ou Pablo Vitar.

Mas, espere, tudo pode se resolver. Basta, no ano que vem, ir às urnas e escolher o candidato mais à direita ou mais à esquerda, esquecer a turma do centrão, pois, assim, apesar dos megafones, caminhões e carros de som, o silêncio interior é mero detalhe nas pesquisas de boca-de-urna. Quicá, um dia, as campanhas eleitorais serão apenas por Libras.

E tamos conversados.

Psíu!...

Musas & Música

Fábio Ribas



“Feliz é quem as musas amam”, escreveu o poeta Hesíodo. Os grandes gregos, como ele, encontraram nessas figuras femininas uma boa tese para explicar o mistério da criação. Na mitologia, elas eram nove. Filhas de Zeus e Mnemósine, a deusa da memória. Conta a lenda que Apolo, em uma tarde qualquer, passeando por Montparnasse com sua flauta, foi seduzido pela visão das nove ninfas saltitantes, cantando, dançando e colhendo flores. Elas também ficaram encantadas com a beleza e a música daquele deus grego. Acompanhadas por Apolo, as talentosas irmãs passaram a se apresentar nas festas do Olimpo e conquistaram a simpatia dos deuses com seu charme e sua leveza.

A cada uma delas foi designado o dom de inspirar uma arte: Tália era a musa da comédia. Clio inspirava a história. Érato, a poesia amorosa. Euterpe, a música. Terpsícore, a dança. Melpômene, a tragédia. Calíope, a poesia épica. Polímnia, a poesia sacra. Urânia, a astronomia. E aí de quem despertasse a ira das musas! Quando desafiadas, elas se tornavam terríveis, capazes de cegar inimigos e arrancar escamas de sereias. Na maior parte do tempo, porém, eram criaturas adoráveis, afinadas e cheias de inspiração para dar. Amantes das águas e das fontes, seu pássaro era o cisne. Seu cavalo, o alado Pégasus, presente de Atenas. Seu templo era o Museion, daí o termo museu. E, não por acaso, a palavra música vem de musa” (p. 23).

Cresci em uma casa extremamente musical. Havia coleções e coleções já organizadas de LPs dos mais variados estilos naquela sala da casa da minha mãe. Elas gostavam de tudo, as minhas irmãs e minha mãe, desde Roberto Carlos até a discoteca dos anos 70,

havia raridades em negros bolachões. Muitos desses discos acabaram se perdendo no tempo, mas a formação musical ficou em mim. A influência de Agnaldo Rayol, Nelson Gonçalves, Vinícius, Toquinho e Tom Jobim, por exemplo, está aqui dentro de um acervo de memórias que trago sempre.

Essa influência toda levei ao campo missionário. O que me fez ser muito atento com as produções musicais das mais diversas culturas com as quais trabalhei, e não apenas indígenas! Um dos momentos musicais que mais me marcaram foi quando conhecemos o CTG (Centro de Tradição Gaúcha) de Canarana. Aquilo pregou em mim por tudo o que significava numa cidadezinha de apenas 20.000 habitantes no interior do Estado do Mato Grosso. Eram os encontros das famílias sulistas para eventos culturais de música e poesia próprias. As crianças = meninos e meninas – recitavam poemas enormes para seus pais, famílias e amigos entusiasmados e entusiastas. Coisa linda de se ver, cultura passando de pais para filhos e sobrevivendo naquelas famílias, que se viam em terras distantes e longe de seus ancestrais.

Nem sei como cheguei ao livro "Musas e músicas", de

Rosane Queiroz, mas li suas páginas com gosto e muitíssimo prazer. São as histórias por trás das musas que inspiraram as músicas da MPB. Algumas de amores impossíveis, outras de amores platônicos, adultérios imaginados, outros efetivados. Musas fictícias, outras jamais confessadas. Quem é a Lygia que inspirou Ligia, de Tom Jobim? Como se deram esses encontros e desencontros? Como, digam-me, João Gilberto faz aquela outra letra para a conhecidíssima "Ligia" de Tom Jobim?

São tantas histórias que acabamos passeando pela história do Brasil nas letras de músicas que eu conhecia, mas também de outras que nunca antes ouvira. "Gilda", música feita para a nona e última esposa de Vinícius de Moraes, eu não conhecia. Assim como me era desconhecida "Risoflora" de Chico Science. "Drão", de Gilberto Gil, desfez a história errada que eu tinha do que teria sido a inspiração dela.

O livro é um prazer. A gente lê rapidamente, quisesse eu. Mas não quis. A cada música e a cada musa, eu ouvia no Youtube as referidas e buscava também as fotos na internet das tais musas para mergulhar nesse universo todo. Um universo todo feminino. Ao terminar o livro,

duas constatações: primeiro, ao conhecer os contextos de textos, essas letras e melodias ganham uma camada nova de admiração; segundo, infelizmente, nossa música já foi muito, mas muito melhor do que a produzida. Enquanto lia essas letras e ouvia essas músicas do livro, lembrei-me que o Brasil de Vinícius, Tom Jobim, Belchior, Chico Buarque, Caetano Veloso, Sá e Guarabyra, 14 Bis, Boca Livre... – a lista dos letristas e poetas de nossa MPB não tem fim! – todavia, saber que com tanta referência maravilhosa para os nossos jovens, o Museu da Língua Portuguesa abriu espaço para quem? Anitta e suas letras e músicas! É de corar de vergonha! O Brasil declinou, mas não foi uma mera declinação "à la torre de Pisa", foi uma hecatombe ladeira abaixo com direito à lama na boca e dentes quebrados nessa queda!

Eu tive uma surpresa maravilhosa na leitura do livro. O primeiro texto é da autora, em que ela narra o processo de criação da obra, que nasceu de uma pesquisa de mais de 10 anos! O segundo texto não indica de quem é a autoria, assim, enquanto lia o segundo, achei que seria também dela. O que me levou à surpresa do terceiro

texto do livro, pois, quando eu cheguei ao fim, vi que aquele resumo histórico fascinante apresentado ali sobre a "história da musa" era da autoria de Isolda Bourdort. Isolda é autora de músicas lindas como "Outra vez", "Jura secreta" e "Um jeito estúpido de amar". E é com o último parágrafo desse texto dela que eu termino o meu:

“Nos últimos tempos, a musa não é mais a mesma. Do mito da namorada morna à vulgaridade da cachorra, da popozuda, passando pelos mais diversos papéis, ela conquistou o direito de ser dona do seu pedaço. Mesmo que esse espaço seja tão pequeno que nele só caibam aparelhos de ginástica, potes de cremes antirrugas e anticelulite, roubando a vaga dos filhos e dos livros, mas deixando lugar para muitos espelhos — embora ela mesma não consiga enxergar o que aconteceu ao longo do caminho, para que hoje, tão segura de si, procure fugir exatamente daquilo que por todo esse tempo procurava: essa tal liberdade, que na verdade veste a sua solidão”.

PS — Gente, e aquela história com a música “Marina morena”, que quase acaba em morte? Rsrs...



Fábio Ribas é pastor, missionário, professor, poeta e escritor.
Contato: ribaseribas1@gmail.com

A *Óptica Metrópole*
está de **casa nova!**

NOVO ENDEREÇO

Shopping 5ª Avenida

RUA ALAGOAS, 1314, LOJA 20B SAVASSI

ESTACIONAMENTO GRATUITO RUA ALAGOAS, 1306
TELEFONE (31) 3226.3212 | WHATSAPP (31) 994801525



Montando no fortão e indo pra briga:

**Os personagens montados em amigos, monstros
ou robôs nos beat 'em ups**

Sammis Reachers

Há uma frase clássica do cientista inglês Isaac Newton, aquele da lei da gravitação universal, descoberta após uma maçã cair em sua cabeça (a descoberta é real, a maçã é lenda): "Se vi tão longe, foi porque me apoiei nos ombros de gigantes".

Essa celebração da colaboratividade intelectual está aferrada ao próprio espírito do progresso humano. Parafraseando outro pequeno gigante da ciência, o grego Arquimedes, que disse "Dê-me uma alavanca e moverei o mundo", apresentamos aqui casos de pequeninos que, amparados nos ombros de gigantes, podem bem dizer: "empresta-me teu corpo e transtornarei o mundo".

Inteligência, afinal, sempre foi a maior arma. Quando meus alunos (sou professor de Geografia do ensino fundamental), que praticamente nunca leram um quadrinho de heróis, mas foram doutrinados pelo poder do cinema, perguntam sobre o herói mais forte do Universo DC, eu contradigo suas opiniões (Superman, Flash) e falo do Batman. O único sem superpoderes. Sim, poderia falar dos episódios clássicos do desenho Liga da Justiça, como aquele que revela o plano secreto de Batman com contramedidas contra cada um dos membros da Liga, caso as coisas fiquem ruins.

Mas eu prefiro contar uma outra história, ou recontar, pois a mesma foi contada por Grant Morrison em sua saga/crossover Crise Final. Nela, Batman consegue o que nenhum outro ser do universo DC até então conseguira: Matar o maior vilão daquele Universo, Darkseid. Claro, com duras consequências para o próprio Batman. Mas não vamos de spoilers. Essa intro toda foi para falar ou reafirmar que, sim, a inteligência é a maior arma. Se você a unir a uma boa dose de disposição, a encrenca está pronta.

O Livro dos livros, a Bíblia, como não poderia deixar de

ser, tem um trecho fabuloso sobre o tema:

"Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Porque, se um cair, o outro levanta o seu companheiro; mas aí do que estiver só; pois, caindo, não haverá outro que o levante. Também se dois dormirem juntos, eles se aquestrarão; mas um só como se aquestrará? E, se alguém quiser prevalecer contra um, os dois lhe resistirão; e o cordão de três dobras não se quebra tão depressa." (Eclesiastes 4.9-12)

Mas, quando disposição e tirocínio apenas não bastam, pois o problema demanda massiva força física, e você não a tem, como proceder? Lembrando-se de Newton e dos ombros dos gigantes, ora pois.

No mundo dos brawlers, os adoráveis games de andar-e-bater, são muitos os casos em que a inteligência pôs no combate aqueles que, pela fraqueza do corpo, não suportariam nem um "round" na rua ou no ringue, se "sozinhos". Seja construindo suas próprias máquinas ou suítes de combate, seja literalmente amparados no lombo de brutamontes ou seres bestiais, cuja pouca inteligência e muita força casam-se à perfeição com a pouca força e muita sabença de seus parceiros, temos um gênero de personagens todo especial dos beat 'em ups. Os guerreiros montados!

ups. Os guerreiros montados!



Comecemos com o clássico e também o fundador (será?) da guilda. No exótico, sangrento e esquisito Wild Fang (Tecmo Knight no ocidente), jogo de 1989 da, dãã, Tecmo, você é Duque e é também Frota, dois hábeis guerreiros do Reino de Valdik (não o Soriano). Sua luta é contra o Exército das Bestas Demoníacas, que atacou - enquanto nossos guerreiros estavam fora, em missão -

as terras de Valdík. As bestas buscam ressuscitar o mestre delas, o Demônio-Besta Deglomes. Para a ressurreição eles precisam de sangue humano. Muito, muito sangue. A trama da versão americana é bem mais simplória, mas, segue o baile.

Os dois personagens - o baixinho Duque e o brucutu Frota - lutam bem juntos. Na verdade, um monta no lombo do outro. Além de si mesmos, eles contam com a ajuda providencial de espíritos protetores - o Tigre e o Dragão, que são invocados durante o jogo. Ao invocar o tigre, seu amigo Frota se transforma na fera, e você avança montado, agora armado com um shéng biao (dardo de corda); ganha um belo golpe - um salto giratório do Tigre que, quase sempre certo, gira ao redor do pescoço do adversário e faz o que esse jogo faz de melhor: Cabeças rolares (e tome spoiler: Sem esse golpe você não zera). O sistema de transmigração é meio tosco: O tigre pode ser selecionado a qualquer momento, mas para virar dragão é preciso pegar certo power up que os adversários liberam, e a transformação é por tempo bem limitado. No entanto, o laser do dragão mata no mesmo instante a tudo o que

tocar. O jogo permite dois jogadores em tela, mas a tosquidão opera aqui também: Você joga com o mesmo personagem. Aliás, os mesmos, o dois-em-um Duque-Frota. Apesar dos pesares, Wild Fang merece respeito total pela sua ancianidade, sua pegada totalmente splatter e pelos belos cenários, uma mistura de Grécia e China antigas e até Europa Medieval.



Agora vamos ao meu preferido, talvez o beat 'em up que mais tenha me papado fichas nos fliperamas, nos anos 90: Captain Commando. O clássico de 1991 da Capcom traz quatro personagens selecionáveis. Um deles é nosso Hoover ou Baby Head (ou, como chamáva-

mos aqui, apenas Baby). Com apenas dois anos de idade, o gênio construiu e pilota seu robô de meia tonelada, o Silverfirst. Ah, a chupeta que ele usa é na verdade um tradutor universal no melhor estilo Star Trek, permitindo que o mini-querido fale os 3 milhões de idiomas conhecidos no Universo. Mas nosso amigo era na verdade um cientista - Hoover J. Stefan - que, ao lado do Dr. Tw (um dos futuros chefões do jogo) desenvolvia pesquisas genéticas. Traído pelo companheiro, que tinha planos maléficos para as descobertas dos dois, antes de morrer ele transferiu sua consciência para um corpo de bebê. O resto é vingança. Ah, essa história é contada no mangá do Captain Commando.

Além de aparições nos games Marvel Vs. Capcom, o nosso Bebessauro é um personagem jogável no game Namco vs Capcom.

Baby possui aquele golpe que não deveria faltar ao "fortão" de nenhum beat 'em up: Ele, feito um Zangief da vida, aplica adoráveis pílões.



Você é fã de Golden Axe? O game, que ganhou três versões para o Mega Drive, é quase sinônimo do console. No primeiro e segundo, os personagens são os mesmos: o bárbaro, a bárbara e o anão (Conan, Red Sonja e, hum... Gimli?). Mas, no terceiro, enquanto o bárbaro e a bárbara continuam (continuam não, são na verdade novos personagens), dois novos combatentes se juntam à campanha, o ser felídeo Chronos "Evil" Lait e o gigante Proud Cragger. O anão (anão não, que o cara tem nome: Gilius Thunderhead) aparece apenas

dando instruções, talvez por estar velho para a pancadaria. Mas, mano, quem quer sempre dá um jeito: No game para arcades Golden Axe: The Revenge of Death Adder (1992), o velhinho anão retorna, agora montado... nas costas de um gigante (o Goah)! Duas potências - cérebro e experiência - se unem a músculos descomunais para moer o inferno. Ele merece.

O game traz grandes e belos sprites, com uma arte soberba.



Nossa próxima parada é em Panzer Bandit (Fill-in-Cafe/Banpresto, 1997), tesouro 2D para PlayStation 1. Na trama, a malévola organização liderada pelo Prof. Farad busca se apossar dos Sync, seres de aço mitológicos que, uma vez recuperados, têm sido transformados em máquinas de guerra. Mas suas ambições vão além: O objetivo final é encontrar Ark, objeto ou lugar legendário que, presume-se, oferecerá a seu possuidor o conhecimento infinito. Sua missão, meu amigo, é impedi-lo!

Dentre os cinco personagens selecionáveis temos Miu, sacerdotisa que pilota um dos lendários Sync, de nome Shouki. O construto de combate tem golpes que certamente homenageiam o fundador da tecnoguilda, Baby "Cabeção Commando", como a corridinha + soco fraco, que aciona a mão giratória cmo uma perfuratríz, ou o pilão.

Outro game de destaque é Battlecircuit (1997), um dos dois beats da Capcom que saíram nos estertores da geração flíperama, e que não foram vertidos para nenhum console da época (o outro é Armored Warriors), a continuação ou tentativa de continuação -

não narrativa, por favor, mas ao menos espiritual - de Captain Commando. Na trama, um grupo de caçadores de recompensa parte na captura do Dr. Saturn, e precisa também resgatar e proteger um disco contendo um poderoso programa de computador denominado



oportunamente de Shiva (deus/deusa da destruição na mitologia hindu).

Entre os exóticos personagens, deste o talvez mais exótico dos beats neste quesito, temos Pink Ostrich, avestruz inteligente, rosado & enfezado - e único avestruz no universo capaz de voar; e a jovem que luta

montada em suas costas, Pola Abdul (sim, uma homenagem à cantora Paula Abdul, daquela doce canção "Rush, rush" e do American Idol). Uma dupla de respeito! Por sinal, parte dos golpes de Pink foi baseada em golpes do personagem Zelkin, pássaro-humanóide do game de luta Star Gladiator (PS1, 1996).

Com um sistema de aquisição de golpes e combos bem interessante e bom humor regado, BC é um game belíssimo, coroação do empenho da Capcom no universo dos brawlers, universo que ela infelizmente abandonou, pouco depois. Uma pena que não tenha nem circulado por muitos fliperamas - dominados na época pelas franquias KoF, SF e MK - e nem sido vertido para um Playstation, Saturn ou Dreamcast da vida.

Finalizemos nossa saga montada com o belo e algo inovador The Cristal of Kings, de 2002. Sua desenvolvedora, a BrezzaSoft, foi formada por antigos funcionários da SNK.

No game, temos quatro personagens que precisam salvar os seus respectivos reinos do perigo representado pelo vilão Espírito da Noite, que ambiciona capturar todos os Cristais de Poder, artefatos míticos de seu universo. Um dos personagens,

por sinal o principal, o miúdo hobbit-cavaleiro-arqueiro Cocco, não avança apenas na dependência de suas flechas, mas sobre o lombo de uma besta-fera, prima, mãe ou avó dos cangurus - ou tamanduás? Seu elemento



(cada personagem possui o seu) é a terra, e seus ataques, baseados na fera e na flecha, possuem ótima eficácia, cobrindo perto e longe. Seu ponto fraco é a defesa. Por sinal, caso sua besta seja comprometida e deixe o mundo dos vivos, você terá que lutar a pé, e aí o caldo engrossa. Os demais heróis são os espadachins

Lustro Furia e Justiça, e o mago Lung Xing. O game possui imagens renderizadas e é um beat 'em up de ação/fantasia, com elementos de RPG, e uma pegada visual/narrativa descaradamente à la Senhor dos Anéis. Vale conhecer!

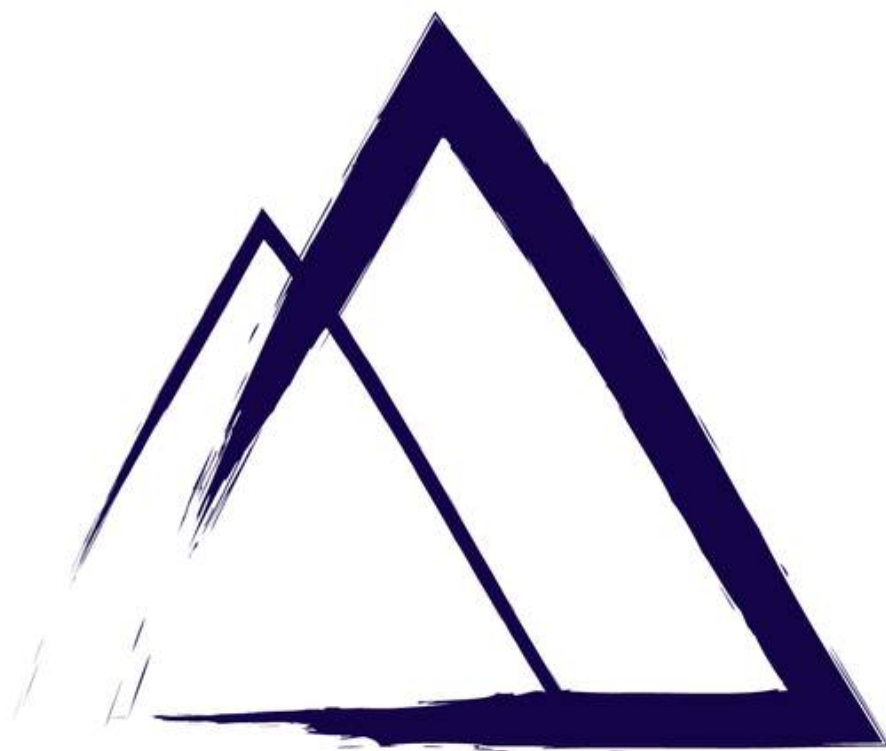
* * *

Nosso tema são os beat 'em ups, mas os montadores estão espalhados pelo universo gamerístico. Nos games de luta, nossos heróis e heroínas montados (cavaleiros não, pois aí seria chamar os amigos-de-cangote de cavalos) também aparecem, como em Waku Waku 7 (Sunsoft, 1996, arcades), onde temos Politank-Z, um mecha com cara do Carro Tanque do desenho Corrida Maluca, pilotado por um baixinho bigodudo e seu cão; e Mauru, menininha montada num misto de ursão de pelúcia, Totoro e Dumbo-lapa-de-orelha. O bicho é bruto! Nos jogos de plataforma, temos representantes de peso, como o semi-tosqueira (nada, é um jogo bom) Dahna (IGS, 1991, Mega Drive), onde a princesa começa seu avanço montada num ogro que elimina os canalhas

só com o vento de suas patas... Mas Dahna também segue a pé, de cavalo, de grifo... Como dizemos por aqui, a menina é desenrolada!

* * *

Esses paladinos provam que a tibieza física não é impedimento para lutar por seus objetivos, e a força de vontade, operando com inteligência para alcançar os meios adequados, pode, sim, mudar o jogo.



INTERNÚCLEO

CONSERVADORA E ADMINISTRADORA

(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)

Mais um dia no trono dos enforcados

Jorge F. Isah



A Kombi balançava de um lado para outro. Eu tinha muitas histórias de Kombis, e havia uma espécie de conjunção de astros que me levavam a encontros, digamos, esquisitos. O motorista, o mais velho do grupo, tinha uns 30 e tantos anos, e era uma cápsula do tempo: magro, cabelos compridos e desgrenhados na altura dos ombros, fiapos de barba por fazer, uma calvície movediça e definitivamente impiedosa; usava miçangas, pulseirinhas e cordões multicores, batas e calças tie-dye, sandálias havaianas... exalava o ranço de armário aberto, pela última, no século passado. Era um hippie, ou como os sociólogos gostavam de dizer: um neo ou pós-

hippie. Se estava fora do tempo, com certeza o tempo também estava fora dele.

O restante de nós era um punhado de jovens irregulares e aleatórios. Alguns, não conhecia. Nem de ouvir falar. Simplesmente foram chegando e, onde havia assento para cinco, outros seis se espalharam no assoalho, colunas e laterais do veículo. O banco central havia sido retirado, pois era um carro de trabalho; as marcas de tintas, ferrugem, e lascas da pintura interna se soltando denunciavam o quão castigado e árduo seria o seu dia a dia.

Eu era o mais novo, não tinha dezessete ainda, e me chamavam de "Groselha", não porque eu era um "xarope", mas porque gostava de colorir e dar um sabor mais especial à mardita. No início, riam e debochavam, e ouvir "menininho", "filhinho da mamãe" e coisas do tipo era normal. Com o tempo, e algum respeito adquirido, pediam as canas e a tintura adocicada... De vez enquanto, um deles se atrevia a me acompanhar na mistura.

O nosso círculo era formado pelo "Sapo", franzino, carrancudo e sempre de boca aberta, disposto a comer o que pudesse alcançar, mesmo que fosse apenas com a

ponta da língua. A fome insaciável não combinava com a figura quase esquelética e mirrada.

O "Mixupa", quase roliço, era fã de Fórmula 1 e carros, e tinha o sonho de, um dia, consertar uma Ferrari, já que era auxiliar de mecânico em uma oficina mequetrefe. Quando começava as digressões sobre corridas e suas máquinas, o pessoal, depois de um tempo, se enchia e soltava o apelido, entre risos e pedaladas. Se antes era insulto, virou obscenidade, por fim hábito, e a coisa pegou.

Tinha o Hardy que reclamava de tudo, e se alguém merecia o título vitalício de presidente do clube dos pessimistas era ele, quase ao nível do personagem da Hanna-Barbera, a hiena depressiva.

Havia ainda o Caroço, Monstro, Fumaça e o Jujuba. Nenhum deles precisa de explicação, acredito.

Quando em grupo, ninguém tinha nome de batismo:

— Prazer, Bigão!

— Zé Relá.

Só nas batidas da polícia a gente se lembrava:

— Você é o Cláudio?

— Não, senhor! Sou o Zóio!

— Joca?!....

– Não, senhor, Zóio... mas meu nome mesmo é Astroelinston, senhor.

– É... pode ser Zóio então.

Estávamos na Kombi: pneus carecas, suspensão estropiada, folga na direção e a produzir os sons de chipanzés com paus e latas imitando a bateria da Vai-Vai. O Hardy resmungava o tempo todo. O Fumaça parecia em transe. E o Mixupa imitava os movimentos do Nelson Piquet em seu volante imaginário. Eu olhava para eles e me certificava de tomar outro gole de 51 e Fanta.

O destino era Lagoa Santa, em uma das tantas festas religiosas da cidade. Religiosa era a desculpa para a prefeitura instalar centenas de barraquinhas vendendo álcool, caldos, espetinhos e salgados a preços insanos, e arrecadar uma grana extra para a reforma da casa do prefeito, com a desculpa de movimentar o comércio.

Todos nós tínhamos subempregos, e o único que não se metia com força bruta era eu, um office-boy. E a sexta-feira era o nirvana ou o carnaval, a depender do estado de um e outro.

Chegando lá, estacionamos na Praça dr. Lund, na ladei-

ra em frente à Matriz. Saímos pelas ruas à cata de bebida barata e garotas. Mas não sei se pela falta de dinheiro e o aspecto pouco convidativo de nossas figuras, além de atolar os pés no barro e ser abordado por uma série de pedintes e vendedores, nada mais aconteceu. Depois de cansados, e o litro da "mistura" esvaziar, voltamos para o trailer. Quando chegamos, vi que os bancos e o assoalho do carro estavam ocupados por seis dorminhocos e, à exceção do Sapo que se estirara folgadoamente no banco traseiro, os demais se encolhiam. O hippie, cujo nome, digo, apelido, não me recordo, estava em posição fetal, o polegar na boca, sobre o vão traseiro do motor. Outros dois deitaram nos bancos da praça, e não havia mais nenhum vazio.

— Vamos dar uma volta... talvez a gente acha um lugar para dar um cochilo.

Eu estava cansado. Não aguentava mais. Havíamos atravessado a cidade de ponta a ponta, além de estar meio zureta.

— Vou ficar e dar um jeito.

Os outros troçaram.

— Boa sorte.

Perscrutei o espaço em busca de opções. Não havia.

Apenas o concreto do passeio e mais nada. Chovera nos últimos dias e o gramado estava enlameado, a grama pisada pelos festeiros, e um atoleiro só. Quase bêbado, sonolento, veio-me uma saída: deitar embaixo da Kombi. Não refleti muito, é verdade, mas estava sóbrio o suficiente para ver que ela se encontrava engavetada entre uma Belina e um furgão. O espaço era quase milimétrico entre eles. Não havia chance da van se mover. Fui para debaixo; e o lugar era quente e protegido do vento e frio. A questão é que tenho mais de 1,80, os pés ficaram para fora, e os coloquei sobre o meio-fio. De certa forma, era uma maneira de me fazer visível e assim, mesmo que o veículo estivesse livre, alguém me notar lá embaixo. Sei que dormi. Feito bebê.

Acordei com chutes no pé.

— Acorda, dorminhoco!

Tomei um susto e, no reflexo, bati a cabeça no eixo. Xinguei um palavrão.

Arrastei-me pelo asfalto. Era dia feito. O sol alto no céu azul sem nuvens.

— Quantas horas?

— Sei lá! Mas deve ser mais de nove.

Foi quando vi o perigo em que me metera. A Kombi estava solitária na alameda. Nada a obstruí-la. Bastaria um leve movimento e, no mínimo, as pernas se espatifariam. Eu já me arriscara algumas vezes: subir em árvores com mais de dez metros, escalar paredões verticais, nadar em corredeiras, pular de penhascos em poços d'água, mas nada tão estúpido como deitar sob um carro controlado por um bando de idiotas.

— Cara, cê é doido!... Onde já viu dormir debaixo da Kombi?... O que deu em você?

— Sono... muito sono...

— A gente só viu que estava deitado no asfalto por causa da chulapa do seu pé para fora.

Agradei a Deus por calçar 43.

Todo mundo duro, sem grana, entramos na Kombi e voltamos a BH. Haveria um jogo à tarde no campo do Comercial, e eu e mais três fazíamos parte do time.

Durante o retorno, vim em silêncio, com fome e o antigo ditado martelando a cabeça:

"À criança e ao borracho põe Deus a mão por baixo".

AS COISAS COMO ELAS SÃO

HELVÉCIO S. PEREIRA

Eu tenho uma memória singular. Isso não é um autoelogio nem autopromoção. É que do alto dos meus sessenta e seis anos, indo para sessenta e sete, ainda não encontrei alguém que tenha alguma lembrança tão precoce como a de menos de um ano (você não leu errado, mas é claro que não tenho certeza) e tantas outras com menos de quatro anos.

A mais antiga lembrança é eu sentado em um travesseiro, na cabeceira da cama de minha mãe, enquanto tentava mexer no cesto de agulhas de minha mãe e ela, receosa e didática, me deu um leve tapa para que não me atrevesse a mexer em coisas tão perigosas. Posteriormente, quando já andava, imagino, ganhei uma enorme carreta de madeira, que sentado na cabine, andava pelo terreiro. Talvez aos dois anos ou menos.

A paisagem verde e vazia, com fezes de vacas que eu observava curioso por serem circulares e as vezes soltarem fumaça, quando recentemente postas pelas vacas e bois contra o vento frio das manhãs. Ainda me lembro de uma miniatura de avião, acho da Varig, não há como ter certeza (talvez de 1961 ela já existis-

se; carece de eu conferir esse dado), que ganhei da saudosa tia "Lília".

Vale lembrar, curiosamente naquele tempo, minha mãe dizia que eu não conseguia falar todas as palavras corretamente. A tia Maria da Conceição Silva, tia por amizade de minha mãe, era, como disse "tia Lília"; meu meio irmão, vinte anos mais velho do que eu, era "Tatá". Meu tio, irmão biológico de minha mãe, Sebastião Pinto de Souza, era o "tio Bicanca". Muito mais tarde consegui saber e falar os nomes corretos das pessoas: "vovó Idalina", por exemplo.

Ao andar pelas ruas, ficava de olho nas pernas das moças e comentava , segundo a minha mãe, sem nenhum comedimento: "pérrafeia", "pérrabunita". Ao que as mulheres, sempre mais atentas às crias alheias, perguntavam: "O que ele está falando?"; ao que minha mãe, para não render assunto respondia: "Nada não! Ele tem a língua presa, tá aprendendo a falar.". A língua presa era apenas desculpa para amenizar a situação. Eu naquele tempo, naquela idade, estava apenas distinguindo que moças tinham "pernas bonitas" e "pernas feias", algo que criteriosamente faço até hoje.

Lembro-me de uma tempestade em que fomos acolhidos em um sítio, uma senhora nos abrigou, pois

tínhamos que seguir do final do ônibus para a nossa casa, à época, por uma longa rua de terra, um lugar aos pés de um monte, muito aprazível, mas cuja chuva não faria bem a minha mãe e muito menos a mim. É a situação bíblica, prevista por Jesus de que nem um copo d'água ficaria sem recompensa. Deus a tenha, a tal senhora, pelo que fez por nós.

Em outro dia chuvoso, um senhor deu carona a minha mãe, no ponto de ônibus, em um enorme carro preto até o centro da cidade, do Bairro Santa Efigênia, na rua Euclásio, do final dela até o centro de Belo Horizonte.

Outra lembrança engraçada, ao menos para mim, foi quando vi uma hélice na ponta de um bambu. Segundo mamãe, isso por volta dos meus três anos, o homem, naquele tempo, tentava gerar energia elétrica para a sua casa a partir da tecnologia eólica.

Sempre fui atento a detalhes, e minha vó, uma mulher pequenininha que teve treze filhos, dos quais apenas três sobreviventes, todos bem maiores do que ela, tinha uma característica que só se transmitiu na minha tia Efigênia, e no filho dela, o meu primo Antônio. Trata-se do baixo canal do nariz, uma característica presente em povos africanos e orientais como chineses, nepaleses, etc. Mesmo com

menos de quatro anos (sei disso pelos lugares onde morávamos e por onde mamãe trabalhou), eu já notava o que ninguém, ou quase ninguém, reparava. Esta característica do nariz, diferente de outras etnias, faz com que o túnel seja tão baixo entre os olhos que em alguns casos quase desaparece.

Tinha o "Jeep", não o carro, mas um cão macho de pelagem bege que andava pela casa em que minha mãe trabalhou de governanta; nunca me atacou, nunca latiu para mim, sempre respeitoso e sereno. Um dia, ao ir com minha mãe em um pequeno bar, onde o dono dele frequentava, um dos solteirões da casa, foi parcialmente esmagado por dormir debaixo de um carro estacionado, enquanto o dono se gastava nas "canas". Senti-me triste, naquele dia, ao recordar o Jeep passando por mim na vasta garagem e dele morto junto ao meio fio, no calçamento de pedras retangulares.

Por hora, contarei só mais um prodígio da memória: por ocasião do Natal, no ainda hoje existente Hospital da Baleia, houve uma encenação de presépio vivo, eu tinha por volta dos dois ou três anos. Estava de pé, ao lado de mamãe, quando dois atores, uma linda e sorridente moça e um rapaz igualmente sorridente de barba escura, possivelmente Maria e José, afundaram

no chão, ao menos meio metro. Posteriormente, compreendi o que ocorreu: eles estavam sobre a tampa de uma caixa de esgoto ou água pluvial, a tampa se quebrou com o peso deles. E nada disso foi encenado.

Após cinquenta anos, o filho de uma grande amiga e colega, também professora, se envolveu em um acidente de carro, salvando-se milagrosamente, mas com algumas fraturas importantes. Nessa época, um dos hospitais referência para casos assim era justamente o Hospital da Baleia. Como a visita ao rapaz era restrita, somente a minha esposa e a mãe dele puderam vê-lo. Aproveitei a oportunidade, pois em décadas jamais retornei ao hospital; aliás, jamais vou a algum lugar sem um motivo mais ou menos sério ou necessidade absoluta, e dei uma passeada pelo lugar.

Localizei, e fui exatamente ao local onde há cinquenta anos, o casal de atores pareceu afundar no chão. Pude olhar para a mesma caixa de bueiro, e ali, com uma tampa mais segura, na mesma esquina do grande prédio onde foi encenado o Natal de Jesus não pude deixar de rir, apenas um pouquinho, do infortúnio artístico, fora do script.

Mas atenção: nunca guardo a placa do meu carro,

sempre ou quase sempre esqueço meu CPF, nomes de ruas e endereços completos onde já morei... E não conte para ninguém: as pessoas com as quais trabalho há anos não seria capaz de enumerar os nomes delas. Dou aulas para mais de mil alunos, e, praticamente, não sei nome de nenhum deles. Senhas, com muito esforço sei de cor umas cinco, e sempre tenho que relembrá-las; é um inferno! Por outro lado, dou aulas para diferentes séries, todas de cor e planejadas. Nunca estudei para concursos, vestibulares, etc. E sempre passei em lugares bastante desejáveis e concorridos. Passei no concurso para professor de Artes, na rede estadual em segundo lugar e fui o primeiro a escolher a escola. Quase nunca falo disso, pois acho que as pessoas não acreditam...

Talvez seja a razão da minha esposa marcar um psiquiatra para mim, mas antes me advertiu: o dia que você for, não escapa!

Não deu outra: na primeira consulta, quinze dias de licença!

Helvécio S. Pereira é compositor, músico, escritor, artista plástico e professor.
helveciop1@gmail.com



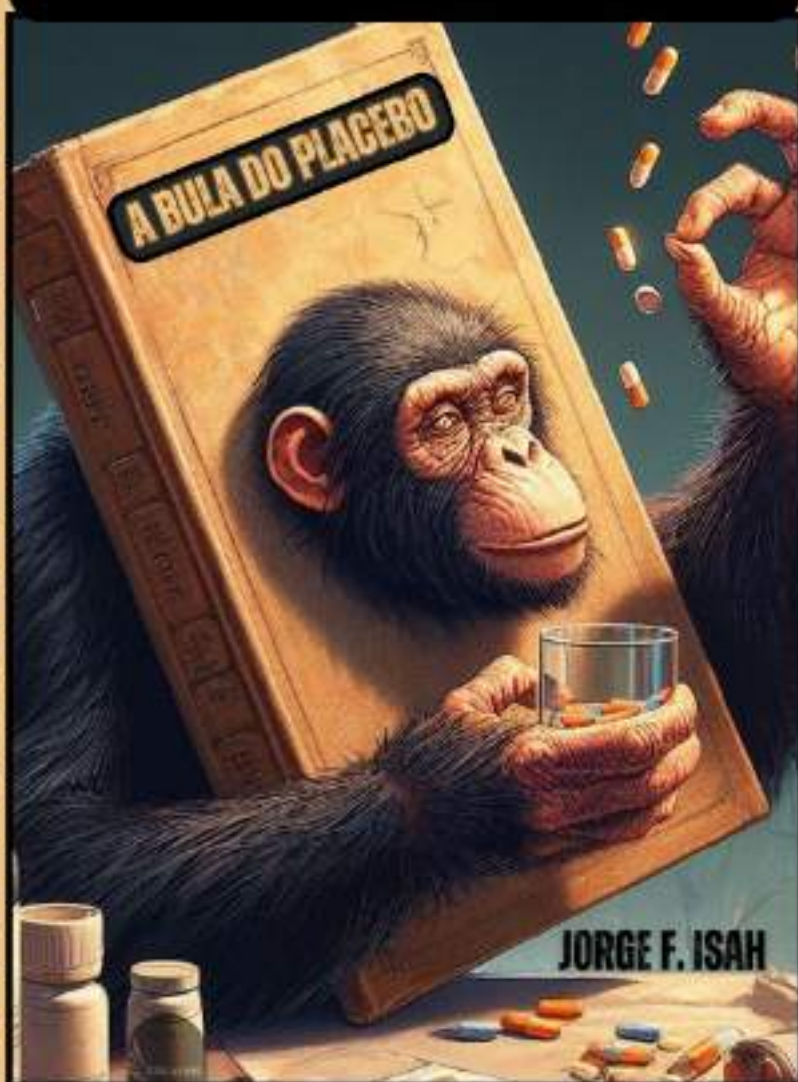
BULUNGA NEWS

O futuro nunca esteve tão presente!

EXTRA! EXTRA!

Em um mundo sem esperança, "A Bula do Placebo" surge como o remédio a lembrá-lo se tudo não está ainda perdido, é questão de tempo. Ao tratar os grandes dilemas humanos, suas manias, pruridos e flatulências, você se sentirá revigorado. Porque, afinal de contas, o que não tem solução, solucionado está!

Junte-se a nós e resista aos glúteos e peitoris sarados, aos bate-estacas e carros de som, funks, os "Ali babás" e seu zilhões de larâpios, enquanto o "tico e teco" caem dopados e em frenesi. E talvez, você seja cancelado, difamado, preso, e se veja cercado, à esquerda e direita de palpiteiros e salvadores-da-pátria. Entretanto, garantimos "A Bula do Placebo" como a solução imediata para o que não tem solução.



GARANTA O SEU EXEMPLAR!
NA AMAZON OU KALAMOS.COM.BR

O mundo precisa de encarnação

Leonardo Bruno Galdino

"De onde menos se espera, daí é que não sai nada", já dizia o Barão de Itararé. Afinal, onde estaria Deus numa minissérie cujo próprio nome já o nega?

Godless, escrita e dirigida por Scott Frank (Netflix, 2017), narra a caçada implacável de Frank Griffin (soberbamente interpretado por Jeff Daniels) a Roy Goode (Jack O'Connell), um desertor do seu bando que lhe arrancou o braço com um tiro. Nesse quesito, Griffin se assemelha a Ahab, de Moby Dick, em sua obcecada perseguição a um ser que lhe causou avarias permanentes no corpo. Apesar de não haver bonzinhos na história (é um faroeste, afinal), Griffin é, sem dúvidas, o ímpio (godless) dela, pois vive esbravejando contra Deus e, se bem me lembro, chama até Nietzsche por testemunha.

La Belle, cidade fictícia do Novo México, EUA, é uma terra sem homens (mais de duzentos morreram num acidente trágico, deixando a cidade praticamente aos

cuidados das viúvas) e sem lei (o xerife, cujo interesse está mais concentrado numa determinada viúva do que na segurança da cidade, já mal consegue enxergar). Mas não só isso: é, também, uma terra "sem Deus" (numa tradução bem literal da palavra godless). A igreja, destruída por motivos não revelados na trama, ainda está sendo reerguida, e o pastor novo ainda não chegou. Como se vê, Griffin não é o único godless da história.

Há, contudo, um halo de esperança para La Belle, e este reside numa de suas habitantes mais frágeis e discretas: Lila (Mia Stallard). É uma personagem muito piedosa, que aparece pouquíssimo na série. Toda vez que um estranho chega à cidade, não importa seu ar flagrante de bandido, ela pergunta, esperançosa, se é o novo pastor. Lila é uma espécie de Abraão a interceder por Sodoma (Gênesis 18), e revela o anseio, ainda que inconsciente, de toda uma sociedade por redenção. Esse anseio fica mais claro quando o bando de Griffin está para chegar a La Belle, causando um clima de terror e tensão em todos. Quando todas as esperanças se esvaem, todos metem a mão na massa para reconstruir

a igreja. Até mesmo a lésbica faz isso, embora por motivos outros (sim, há lesbianismo. Aqui é Godless, lembre-se).

O último episódio contém a cena que para mim é a mais representativa da mensagem cristã transmitida por essa série de nome (aparentemente) tão anticristão. É quando a cruz da igreja é reerguida, contrastando com o horizonte cinza do cenário. A cena antecede a chegada do ímpio Griffin e seu bando. A cruz parece anunciar o flagelo. "Difícilmente, muito dificilmente, os caras prescindem do drama cristão", diria aquele meu amigo. De fato.

Resta saber se Roy Goode vencerá Griffin. É o Goode (perceberam a corruptela?) contra o godless. No fim, o novo pastor chega. Chega para velar os mortos. Tentam impedi-lo de falar, dizendo que ele "chegou tarde demais", mas ele toma a palavra e discursa. O cristianismo parece ainda ter algo a dizer.

Em Godless, Deus está mais vivo do que nunca. O Barão de Itararé estava errado.

Leonardo Bruno Galdino - veja o perfil em
<http://www.youtube.com/user/LBGaldino>



Os 23 de Michele

Luiz Libório Alves da Silva

Eu tenho muitos, muitos textos dedicados para a Michele, minha esposa, que hoje faz 25 anos. Gostaria de adicionar mais um texto a essa coletânea que, creio, já daria um livro. Vou listar algumas coisas que amo nela.

Amo a forma como a Michele está normalmente bem disposta com a vida. Eu disse algo assim para ela, há pouco, quando Michele saiu para comprar uma resistência elétrica (que eu disse que compraria, mas acabei não comprando, vejam só) para o chuveiro principal aqui de casa.

Ela saiu, começou a chover e eu imaginei que isso a deixaria chateada. Mas, quando ela chegou em casa, estava sorridente - feliz, inclusive, por pegar um pouco de chuva.

Amo também a forma da Michele amar a beleza, de modo geral.

Praticamente todos os dias eu a chamo ou ela me chama para vermos juntos o pôr do sol. É cotidiano, também, tirarmos fotos de coisas bonitas que encontramos quando vamos ao jardim e o outro não estava lá.

Músicas, pinturas, a forma como determinado vento passa a entrar em determinada época do ano por determinada janela.

Amo o fato da Michele se chamar Marcial (o que segundo o dicionário significa "relativo à guerra") e ser geralmente tão pacífica. Amo o gosto dela para cerâmicas, cafés e poemas.

Ela é a minha esposa e hoje faz 25 anos. Pensar em envelhecer com Michele: essa ideia também é muito amada por mim.



Luiz Libório Alves da Silva é escritor,
poeta e tech writer.
luizliborioalves@hotmail.com

O CAMPINHO MAROTÃO

Roberto Vargas Jr.

O Marotão. É uma imagem recente, diferente daquela da minha memória. Mas é o Marotão!

Eu tinha sete ou oito anos de idade quando nos mudamos para o Coqueiral de Aracruz, no Espírito Santo. Um bairro afastado da sede do município que abrigava as famílias dos funcionários da Aracruz Celulose. Ficou bem gravado em minha retina o momento em que chegamos na casa que seria nossa habitação por um punhado de anos felizes em nossas vidas.



Chegamos de carro, como era o costume da família, sempre na estrada. O que me chamou mais a atenção foi o contraste de cores. O azul do céu; o branco das casas, todas iguais; o cinza do paralelepípedo hexagonal; o verde das cercas vivas de hibisco; as próprias flores de hibisco das cercas vivas em várias cores.

Também o espaço. As avenidas eram cortadas de ruas qual espinha de peixe. As casas tinham muros baixos e cercas vivas, mas as ruas eram amplas, e entre algumas ruas havia enormes e convidativos espaços vazios. Dentre eles um verde e interessante campinho de futebol logo ao atravessar a rua da nossa casa. Campinho que dividia e entremeava duas espinhas de peixe.

Não sei se já era assim. Acho que isso veio depois. De todo modo, Marotão era o nome deste campinho. Perceba o diminutivo. Todos os que o vivemos o chamamos assim: o campinho Marotão!

Roberto Maroti – ou seria Marotti? – morava do outro lado do campinho, na outra espinha de peixe. Ele era meu colega de turma, um dos três Robertos, o

França, o Marotí e o Vargas. Era filho de nossa professora. Ainda lembro das chamadas e, principalmente, das divulgações de notas:

– Roberto, Roberto, Roberto, 10, 10, 10. – éramos bons alunos e as notas não raro eram iguais. O França era quem destoava um pouco, mas bem pouco (8, 10, 10 ou, na proporção do potencial individual aparente: 9, 10, 9,5...). Ou, às vezes, em resumo ouvíamos: – Robertos, 9. – era divertido.

A família Marotí guardava na sua casa as redes e as bolas para as peladas dos adultos. A pelada dos adultos, aliás, era um evento! Eram um bando de pernas de pau, mas multidões se apinhavam em volta do campinho para vê-los jogar. Ou usavam o jogo deles por desculpa para se reunir em volta do campinho Marotão.

A molecada não precisava guardar nada lá. A gente fazia pelada sem rede e com qualquer bola. Naquela época bola era algo que não faltava. Assim como campinhos. Havia vários no Coqueiral. Mas o Marotão sempre foi o "nosso campinho", o campinho da "minha turma".

Nós nos aventuramos em outras áreas verdes. Até nos perdemos na mata para lá da outra espinha de peixe (o que mais tarde se tornou uma ampliação do bairro). Mas o Marotão sempre foi nossa arena. Até mesmo quando adolescentes as brincadeiras se tornaram outras além da bola.

Reuníamos-nos lá após as aulas, antes das aulas, às vezes mesmo durante as aulas. E era engraçado como nos reuníamos. Às vezes era combinado sim. Mas na maioria das vezes um ou dois seguiam ao gramado com uma bola e metiam nela chutões escandalosos, o mais audivelmente escandaloso possível. Em quinze minutos o Marotão estava lotado de moleques sedentos por gastar energia, já com os times divididos.

E dá-lhe correr atrás da bola!

Havia os bons de bola. Havia os perebas. Havia os goleiros. Havia até eu. Eu nunca fui muito bom em esporte algum. Mas também não era assim tão mau. Não tinha muita habilidade, mas compensava na agilidade e na corrida. Fazia gol a dar com o pau correndo pelos lados do campo e saindo na cara do goleiro com o chute mais forte que minhas pernas podiam.

E havia batalhas épicas! A maioria na bola, mas de vez em quando uma salutar batalha no braço também. De forma geral, tratávamo-nos na base dos xingamentos. Não havia sequer um termo agradável entre aqueles moleques que se gostavam como amigos que eram. Havia, ao invés, competição de xingamento. Um bom xingamento sempre foi muito bem apreciado e fazia reputações! Mas, sim, as batalhas épicas na bola... Éramos gladiadores. Éramos soldados. Lutávamos com honra. Os times, ou melhor, os exércitos eram sempre divididos para que a peleja fosse equilibrada. Conhecíamos o potencial bélico uns dos outros. Raramente um exército se sobressaía facilmente. Lutávamos, pois, com honra até o fim, embora também não fosse raro que o fim fosse um "quem fizer ganha".

Não é de admirar que o campinho seja Marotão, que o diminutivo chame o aumentativo. O pequeno campo foi palco de momentos grandiosos!

Eu não sabia, quando pela primeira vez o vi, que aquele verde e interessante campinho de futebol seria dos fatores aquele a mais contribuir para que o punhado de anos em nossas vidas passados no local fossem de fato felizes.

E não poderia jamais atinar a nostalgia que ele me proporcionaria décadas depois, quando, adulto e pai de três filhos, lamento que os tempos tenham mudado a tal ponto que meus moleques não convivam com um campinho de futebol.

Ah, como fazem falta Marotões!

Roberto Vargas Jr. é brasileiro nômade, cristão reformado, casado e pai de três pródigos, não-escritor que escreve, pecador sob abundante graça. Autor do livro "RVJ, reminiscências de um blog". Escreve em <https://link.medium.com/GtnaWNh8yX>



FAÇA

TEATRO

Curso Profissional **& NOVELA**

Prepare-se!

crianças
adolescentes
adultos

 WHATSAPP
98025-1010

vagas limitadas!

CONSELHOS DESORGANIZADOS!

Natan de Oliveira

...

Diante da dificuldade...

Lembre-se que para o Pai Celeste, nada é impossível.

Diante da vergonha...

Lembre-se que o Filho Celeste, foi cuspidor, socado e crucificado.

Enfrenta a vida com as armas que existem.

E as melhores são...

Gentileza com todos.

Bom humor se possível...

Viva devagar.
Observe com atenção.
Olhe nos olhos.
Sem pressa!

Tu és eterno.
Não há pressa pra nada.

Procure a serenidade.

Boas músicas.
Bons livros.
Bons filmes.
Boas conversas.
Bons amigos.

Momentos de oração.

Obedece aos que merecem.
Evita os perversos.
Fique longe dos que te odeiam.
Seja caridoso com todos.

E siga em frente.

Um passo de cada vez, pequeno.

Um dia de cada vez, com alegria.

Você está exatamente no lugar onde o Pai Celeste determinou ou permitiu que você estivesse.

Ali, exatamente onde estás agora, Ele precisa de ti para algum propósito.

Seja amável!

Converse com teus pais enquanto eles ainda estão aqui perto.

Trate com carinho os amigos.

Não seja politicamente correto o tempo todo.

Não sacrifique as verdades para não perder o amigo.

Se ele for amigo mesmo, vai saber ouvir.

Se não souber, não vale a pena mesmo, te afaste,
mas não seja indiferente.

E tente ser feliz, livre, empreendedor, independente
de homens, dependente do Pai Celeste.

Segue teu caminho!
Com a tua força!

Se a tristeza vier... Vai passar!
Se a alegria pintar... Aproveita!

Sorria!
E sorria!
E novamente sorria.

São apenas conselhos desorganizados, que eu tento
também seguir, tento, nem sempre consigo, mas
volto a tentar.

Mas se tivesse que resumir tudo, eu diria...

Seja gentil, com os que tu ama, com os que tu odeia,
com os que tu desconhece, e contigo mesmo.

Seja gentil!

Natan de Oliveira é um escriba cristão, casado,
pai de dois filhos, cuidador de dois cães cocker
spaniel, mora em Joinville/SC e tem como hobby
brincar no seu Fusca amarelo colonial 1971.
natandeoliveira@yahoo.com.br



Lançamento:



"NA EIRA DE ORNÃ"



LANÇAMENTO



Inteligência artificial, tempo herdado e trabalho

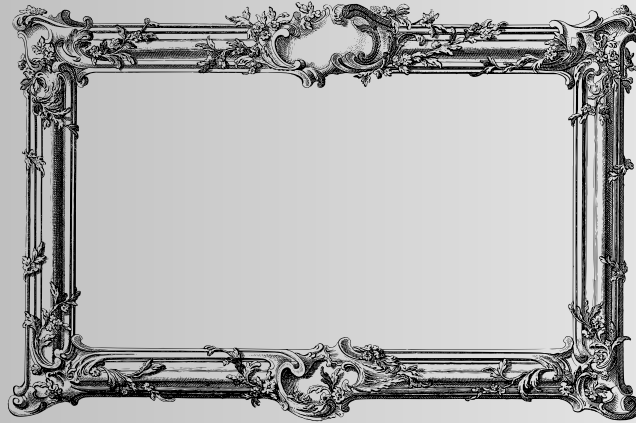
breve ensaio sobre uma angústia

Luiz Guilherme Libório Alves da Silva

À venda na amazon

O RETRATO

José Geraldo Hera



A sala era simples, pintada de azul, e no alto da parede havia uma moldura com o retrato de um homem e uma mulher. Retrato em branco e preto, encardido, muito velho.

Era a casa dos meus tios. O retrato lá, olhando para mim e eu olhando para ele. Ficava pensando naquelas pessoas, quem foram? O que faziam? Estavam lá, inertes, há uns quarenta anos. De repente bateram em meu ombro:

— Esses eram seus bisavôs – cochichou minha tia.

Imaginei a vida deles. Ternos em casimira, chapéu, vestidos longos e passeios na pequena praça pública. Em 1922, as cadeias guardavam apenas alguns arruaceiros, um crime lá, outro cá, mas não havia o profissionalismo de hoje.

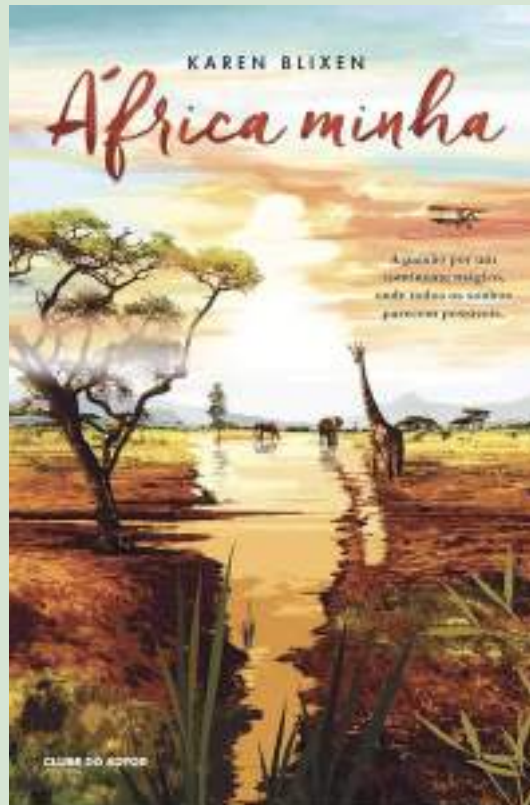
Em 1922, também houve a "Semana da Arte", um escândalo para a sociedade, mas nada comparado aos escândalos que vemos hoje. Ali, postados para a máquina de tirar retratos, meus bisavós não pensavam em televisão, nem em telefones de bolso e uma sala de bate papo, se fazia com muitas pessoas, não com um computador.

Apesar de todas as limitações tecnológicas, eles eram felizes. Ficaram juntos na fotografia e se eternizaram nela. Fizeram filhos e mais filhos, como todos os outros bisavós. Filhos que foram inventando o progresso, que foram inventando as favelas. Mas também criaram poetas dentro das favelas, poesias dentro das favelas e leitores, é claro, dentro das favelas. Ah! Quanta coisa...

E o retrato continua lá, sem saber o que acontece, olhando pra todo mundo que passa, eterno, dependurado e sorrindo feliz.

Geraldo Hera, escritor, professor de inglês e português, poeta e letrista.
jherarezende@gmail.com





MINHA ÁFRICA - KAREN BLIXEN

Jorge F. Isah

Li, há uns 10 anos, "A Festa de Babette", de Karen Blixen e, para ser sincero, não me lembro de praticamente nada. Foi um livro que passou por mim como se não tivesse passado, ou o fizesse tão rapidamente que não deixou rastros. Isso acontece por vários motivos, sejam pessoais (alguma instabilidade ou preocupação momentânea que bloqueia a concentração), descuido ou pouco caso. Não sei precisar ao certo a razão, mas durante os anos seguintes nutri o desejo de relê-lo.

Como coleciono exemplares da Cosac & Naífy, quase um fetiche, caiu-me às mãos o volume "A Fazenda Africana"; comprei-o e fui baixar a versão em ebook para não desgastar o livro físico, já que estava impecavelmente novo e não foi nada barato (também não foi absurdo; considereí a compra quase uma pechincha, dado os valores exorbitantes que exemplares da Cosac ganharam no mercado). Pois bem, encontreí a tradução portuguesa, "África Minha", e por ser lusitana (Tradução de Ana Falcão Bastos), animeí-me ainda mais; tenho apreciado muito essas traduções e, quando possível, opto por elas.

Já nas primeiras páginas, Karen fisgou-me. Não conseguía abandonar a leitura. A prosa fluída, às vezes poética, autobiográfica, e sobretudo cativante em toda a sua simplicidade aparente (mas não se engane!), fez-me refém. A história se desenvolve no período 10-30 do século passado, quando a autora viveu no Quênia, próximo de Nairobi, onde, juntamente com o marido (citado pouquíssimas vezes; era um espectro a pairar na minha mente, sem nunca se materializar), adquiriu uma fazenda para cultivo de café.

Dizer que a protagonista é a própria África, não seria

exagero. Karen está a compor um canto, elegia, entre sabores e dissabores, do continente ao qual, desde o primeiro contato, tornou-se parte de si e jamais esqueceu. As narrativas, algumas sequenciais, outras de fatos isolados, espalham-se pelas mais de 400 páginas numa mistura equilibrada de elementos a tornar o leitor correligionário de suas aventuras. Perdi a conta das vezes em que me deparei a rir de situações onde a graça sutil estava implícita, como uma pérola oculta na ostra. Era a maneira de presentear os leitores, sem exageros e gargalhadas fáceis.

Pertencente à aristocracia dinamarquesa (uma baronesa; casada com Bror Blixen-Finecke), as histórias tratam dos nativos (Kikuys, Masais e Somalis), colonos, imigrantes (índianos, europeus, árabes, etc), que povoaram a região à procura de oportunidades. É nítido o amor e carinho com que Karen se refere ao povo e ao país, ainda que utilize imagens, digamos, nada politicamente corretas para os "mimizentos" de hoje. As comparações, antes de serem depreciativas, em sua maioria são carinhosas e reais. Evidente haver paralelos negativos, porque, sempre, em todo lugar, conviverão pessoas boas e dignas, e seus opostos. Ela

não glamouriza ou doura a pílula, como se fossem coitadinhos, merecedores de pena. Não. A interação é zelosa, onde ela e outros "estrangeiros" se integram sem maiores problemas aos indígenas. Não é uma relação de domínio e submissão, mas de aliança. Ela aprende com os colonos que aprendem com ela, respeita sua cultura e eles não parecem se preocupar com a dela. O ambiente é de nítida liberdade, sem imposições e exigências, num clima de cuidado, harmônico e pacífico.

Alguém pode aventar: "Mas a perspectiva é da autora e não dos nativos!". Tudo bem, é possível, afinal Karen é quem descreve os eventos e mais ninguém daquele círculo se importou em fazê-lo; então, por que duvidar?... Outro detalhe é: qual a possibilidade de, décadas depois, o bairro onde existia a fazenda ter o nome da sua proprietária? E um museu, também? "É pouco, e não quer dizer nada!", garantiria o alguém. Mas para anos de revoluções, massacres e guerras intermináveis, patrocinadas por movimentos ideológicos, etnias que se odeiam e querem a eliminação dos seus opostos, o nome Blixen ainda ser respeitado no lugar é quase um

milagre.

Os "mimizentos" de plantão se horrorizam com as caçadas (ela, perita caçadora), a injustiça (chamada tantas vezes pelos nativos para julgar conflitos), os jogos de poder (sem entrar em conchavos e sempre visando o melhor para "a sua gente"), mas esquecem-se de o mundo nunca ter sido diferente disso, e de não ser o parque de diversões que os pretensos reconstrutores da terra imaginam; até, por que, mesmo em parques temáticos e recreativos, acidentes e mortes acontecem. E estamos a falar de um ambiente altamente controlado, a fim de se evitar os sinistros... Convenhamos, o fato de Karen ser mulher, independente e capaz de gerir uma fazenda, nos primórdios do século XX, não é pouca coisa. E eles mesmos, os defensores do "feminismo", se veem a atacar o relato de uma mulher independente, não eivada por discursos vazios e sem sentido, mas que, sem alardes e panfletagem, viveu-o. É por essas e outras que não entendo a mente pós-moderna e sua quase suprema incoerência, ou melhor, as artimanhas arrivistas enquanto posam de morais e éticos. Mas deixemo-los com seus desvios e lapsos.

As descrições são bucólicas, quase líricas. Pode-se dizer, saudosistas. A África é a sua terra prometida. A sua Canã. O lugar onde esperava permanecer até a morte e lá ser enterrada; do qual foi exilada e viveu a diáspora na Europa. Mais do que vislumbre e expectativa, aquele lugar e, mesmo anos após partir, era onde deveria permanecer. Ela foi peregrina em terras estranhas, em todas e todas, a buscar o Éden. Certamente, as montanhas Ngong foram o lugar mais próximo de alcançá-lo.

O livro trata do triângulo amoroso, se é que podemos chamar, entre Karen, o marido e o amante, Denys George Finch-Hatton, ex-piloto da RAF (Royal Air Force), na Primeira Grande Guerra. Porém, de forma tão sutil que alguns menos atentos podem sequer perceber. Na verdade, o marido, um mulherengo empedernido que transmitiu sífilis à esposa, se separou dela em 1920, e se divorciou em 1925. Além de ser adúltero, era um péssimo gestor. Karen, ao assumir as rédeas da fazenda, manteve-a em seu poder por 17 anos. Após a separação, o relacionamento com o militar, antes uma amizade, tornou-se amoroso; como disse, é

sutilmente descrito na trama. O mais "santarrão" dos leitores pode ficar tranquilo: não existem detalhes, cenas ou descrições inflamadas; sequer são aventadas. São tão rarefeitas como a presença diáfana do esposo.

É um livro de paixões e temores, mas acima de tudo real.

Não cheguei a ler os livros de Hemíngway sobre as suas aventuras africanas. Estão na lista, à espera. Na adolescência me deparei com alguns relatos de Livingstone, suas expedições e descobertas no coração da África Meridional. Ele, missionário e pesquisador, empreendeu várias incursões ao coração do continente, e tinha um amor genuíno e sincero para com os povos subsaarianos. Então, os relatos de Blixen não têm correlações com outras obras e leituras, nem como compará-las. Rendo-me, tão somente, ao seu talento e ao fato de ser uma exímia contadora de histórias, com uma simplicidade enganadora, já que as camadas do texto vão se revelando durante a narrativa: o seu cristianismo, a sua independência, a sua solidão, e a "maternidade tardia", algo possível de se ver no relacionamento com muitas das crianças e jovens, e o envolvimento afetivo e emocional.

Neste contexto, é possível notar que o trato era quase familiar e, como tal, carregado de alegrias, decepções, tristezas e solidariedade. Em tempos e cenários tão artificialmente concebidos como os atuais, as histórias descritas de "África Minha" apresentam-se legítimas, intensas, palpáveis e, em muitos sentidos, puras.

Karen Blixen vislumbrou o paraíso, desejou-o, e se viu nele. Mesmo sem a perfeição original, o Éden era possível. E, talvez, ela esteja agora, neste momento, ainda mais maravilhada.

Avaliação: (****)

Título: África Minha

Autora: Karen Blixen

Editora: Clube do Autor

Páginas: 381

Sinopse: " Em 1914 Karen Blixen chegou ao Quênia com o marido para gerir uma plantação de café Imediatamente conquistada pelo mágico local, Karen Blixen passou aí os anos mais felizes da sua vida, até ao colapso da plantação Foi então forçada a regressar à terra natal, a Dinamarca, onde escreveu África Minha. Escrito com uma vivacidade que nos faz sonhar imediatamente com o continente africano, o livro retrata um estilo de vida desaparecido para todo o sempre."

Segunda Vinda

Avança, pois sim. Dois cavaleiros, uma fêmea e um macho, destacados de um exército escondido até às flâmulas por trás das árvores. Isso é o avanço do retorno de Cristo. A Segunda Vinda. É uma visão sem olhos, mas táctil por nenhum toque, como o calor de uma cavalaria numerosa que não se vê e não se ouve, circulando a casa só com o morder dos cavalos nos arreios. O que é uma rosa, no lamaçal dos dias, se não um pressentimento? A baba e o couro. Pois que a segunda vinda é um calor em ondas contínuas, mas alteráveis, conforme a fé, a força e a farinha disponíveis. Uma grande esperança a quem for pequeno muito, uma esperança nenhuma a quem é aqui bem grande. Pois quem tiver exército, vai tentar se defender - e perderá. Pois quem for só e fraco, vai se render - e será salvo.

Luiz Libório Alves da Silva

Se tem uma mancha

Se tem uma mancha, em alguma das lentes dos meus óculos, aquela mancha estará em uma árvore, se eu olhar para uma árvore, e ela estará no mar, se eu olhar para o mar. Se uma gota de chuva cair nas lentes, no entanto, a luz refratada pela água escoará mais luz para os meus olhos. Assim é, também, em relação ao bem e ao mal: quem vê o diabo em tudo, pode ser por estar com os olhos sujos de diabo; quem vê Deus em tudo, é porque está com os olhos limpos de Deus.

Luiz Libório Alves da Silva

Sintético

Ela comprou um homem sintético. Isso mesmo, comprar um homem sintético é a coisa mais natural do mundo no ano de 2095. Precisava de um para o serviço pesado da casa. Havia uma certa desconfiança devido ao preço tão baixo, uma pechincha.

Desembalou a grande caixa e seguiu cuidadosamente as instruções. Deixou de molho com os eletrólitos ativadores de um dia para o outro. No dia seguinte hidratou com os produtos do fabricante. Enxugou. Instalou as células de energia. Deixou ligado 24 horas na tomada. Está pronto. Inicializou usando o aplicativo.

Mas, há algo errado! O sintético não fala, não anda, fica inerte com cara de bobo. A única ação que faz de modo meio automático é esticar o braço em direção a garrafas de cerveja, algo assim primitivo mesmo.

Releu o manual de capa a capa. Achou nas entrelinhas: "cérebro vendido separadamente".

Bem que ela desconfiou do preço

Aldair Ribeiro dos Santos

Superior

Aldair Ribeiro dos Santos



- Que planetinha é esse, oficial Bligh?
- "Terra", comandante Zith.
- Que espécie vive aqui?
- "Humanos", comandante Zith.
- São inteligentes?
- Pelo que pude observar, não, comandante Zith.
- Como sabe, oficial Bligh?
- Pela evidência principal da ausência de inteligência: destroem o próprio local onde vivem.
- Isso é repugnante!
- Um crime universal, comandante Zith!
- O que é isso em que estão sentados?
- Um tipo de nave primitiva, senhor, ela não voa, apenas

anda na terra e às vezes é usada como arma para matar a própria espécie. Chama-se "automóvel". Os humanos as pilotam.

– E isso ao lado dele, caro oficial?

– Outra espécie que habita o planeta.

– Já fez o estudo sobre ela? Quem são?

– São uma espécie superior, comandante, é um ser pandêmico, está espalhado por todo o planeta. São reverenciados como deuses. Os humanos os servem, fazem tudo por eles, os consideram seus iguais e, às vezes, seus superiores.

– Para ter um humano como piloto, são certamente de uma espécie superior mesmo. Como se chamam?

– "Cães", comandante.

Aldair Ribeiro dos Santos

Contista, poeta e pedagogo, membro da ALACA - Academia de Literatura Cultura e Arte da Amazônia, autor do livro polêmico e contundente "A impossível tarefa de fazer gestão democrática na escola - e outras considerações impossíveis".

aldairars60@gmail.com



Novo Livro de Sammis Reachers



Disponível na Amazon

As despedidas

Glaysen Carneiro Marcelino

Peço-te que não se deixes evadir deste mundo. Ainda não. Já me basta perde-te para as minhas fraquezas. Ficaria insuportável deixar de pelo menos saber de teu sorriso e sucessos. Deus me livre me sentir dentro dessas experiências românticas e dramáticas, nas quais somente o público se diverte com a dor alheia e assim que acaba o filme, buscam um próximo catálogo para uma suspensão da realidade. Enquanto isso, os protagonistas se tornam apenas mais um caso fatídico que transformaram em história, mas não essas de colorir e embalar crianças e púberes e sim algo desbotado e cinzento.

Peço-te que não te vás dessa forma e ainda que naturalmente haja o distanciamento e nos tornemos através dos tempos em simples memórias, que um adeus definitivo não esteja tão próximo.

Até lá, vivas em mim.

Glaysen Carneiro Marcelino
Formado em Letras, professor de
Língua Portuguesa SEE MG.
Amo escrever, ler, jogar, cantar,
compor e fazer amizades.



papo **CRISTÃO**

por Michel Salomão

A vida no deserto estava uma confusão danada. Foram 40 anos com Moisés conduzindo um grupo que poderia facilmente passar de 3 milhões de pessoas, e assim chegou uma hora que ele já não aguentava mais, pois o povo não parava de brigar por qualquer motivo, mesmo havendo um montão de regras que iam sendo definidas para aquele povo, como cortes de cabelo que poderiam adotar, o que deveriam comer ou vestir, questões relativas a dívidas, namoro, casamento, sexo, compra e venda, coisas que podiam comer ou vestir, ou se a criança poderia ou não arrancar um olho ou um dente do coleguinha, entre outros embates diários. Foi assim que Deus resolveu dar um basta nisso e determinou os Dez Mandamentos, para simplificar a coisa e ver se o povo aquietava. Mas não: resolveram alterar o texto original, suprimindo uns

e desdobrando outros, esquecendo o que está previsto em Apocalipse 18 e 19 acerca do que poderá acontecer com quem acrescentar ou retirar alguma coisa do texto bíblico, assim como Jesus alertou em Mateus 5:18 que "até que o céu e terra passem, nem um í ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra".

Eram só DEZ MANDAMENTOS! Será que não dava para o povo se esforçar um pouco?

Hoje em dia o descumprimento dos mandamentos é regra: o adultério é banalizado; honrar pai e mãe é besteira, principalmente se eles são do partido de oposição; o furto é incentivado e blindado pelos progressistas; cobiçar é um hábito de quem utiliza as redes sociais, entre outras transgressões, pois as pessoas pretendem permanecer no pecado, fazendo coisas que Deus ABOMINAVA, mas se eu citar alguns deles, aqui, nesta coluna, corro o risco de ser empalado, diante da polarização e intolerância que tomou conta do mundo, inclusive, no ambiente religioso.



coluna do nelson **TRAMONTINA**



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita que vai chover.

Nelson, cansei dessa situação que estamos vivendo neste país. Aqui é o paraíso dos absurdos: o errado é certo, e o certo, errado. Está tudo ao contrário. Estou pensando em ir embora daqui.

Nelson – Que tal o País das Maravilhas, de Alice?

Eu não sei mais o que fazer com o meu filho: ele não consegue assumir responsabilidades, o quarto dele é uma bagunça, ele não se concentra nas aulas, não consegue fazer amigos. Desconfio que pode ter autismo ou TDH.

Nelson - Autismo e TDH são doenças da moda: para os psicólogos, todo mundo tem uma dessas patologias. Quem sabe o seu filho é apenas um artista?

Nelson, os meus cabelos estão caindo e não sei mais como fazer para disfarçar. Penteio os fios de trás para a frente, coloco gel, uso boné quase o tempo todo, mas me recuso a usar peruca ou fazer implante. Já não sei o que faço.

Nelson – Um transplante de cabeça pode resolver o seu caso.

Nunca vi rastro de cobra, nem couro de lobisomem, se correr o bicho pega, se ficar o bicho come, menino eu sou é homem, menino sou é homem, menino sou é homem, e como sou.

Nelson - Duvido!

Nelson, acabei de me casar e quero comprar a minha casa própria, mas não tenho como dar a entrada para o financiamento. Pedi aumento para o meu chefe, tentei fazer alguns serviços extras, mas não obtive sucesso. Já estou entrando em desespero!

Nelson - Diz o ditado que "quem casa, quer casa", e o seu caso não é diferente. Mas não se desespere: aproveite os seus primeiros anos de casamento, para depois esquentar a cabeça para pagar o financiamento que só vai acabar muito depois de sua aposentadoria, para se dar conta de que pagou dez vezes o valor original do seu imóvel, mas que agora, com a depreciação, deve valer menos de 1/5 do preço de mercado